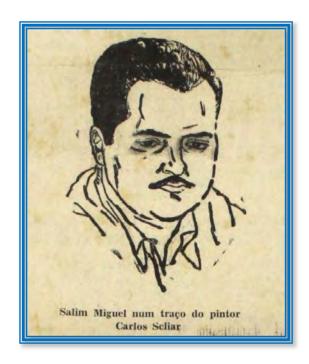






#### Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



# Notícias Sobre Salim Miguel:

Matérias, entrevistas, notas e comentários Volume: I - 1950 a 1979

Organização e digitalização: Iraci Borszcz Enilde Regina Mai Jordanou

Coordenação: Profa Dra: Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

# Sumário

OO1: Miguel Salim: um ficcionista que busca as dimensões da palavra	4
002: Depoimento de Salim Miguel ao suplemento "D"	5
003: A resposta do Salim.	6
004 - Péricles Prade apresenta Salim Miguel.	7
005: A culpa dos Jovens	9
006: A culpa dos jovens	10
007: Fazem & dizem	11
008: Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar"	12
009: 6 Notícias catarinenses.	13
010: El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel.	14
011: Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel	15
012: Literatura	16
013: Santa Catarina	17
014: A cultura em toda parte: dois romancistas novos	18
015: Escritor catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel	19
016: Revistas e jornais	21
017: Revistas e jornais	22
018: Sul	23
019: Literatura nos estados: Santa Catarina	24
020: Jornalista Salim Miguel	26
021: Salim Miguel. Correio Lageano	27
022: As propostas dos escritores para cultura democrática	28
023: Almoçando na Manchete	31
024: Salim, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada	32
025: Na Trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes	33
026: O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida	34
027: Salim Miguel: Maktub – entrevista.	35
029: Salim Miguel - Entrevista	37
030: Um ano de ficção: o escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto	38
031: Salim Miguel - Coluna Livro & Cultura	39
032: Jornalismo e literatura (principalmente) hoje na UFSC	40
033: Salim Miguel – Personagem	41
034: Informação geral	42
035: Salim e a nossa Biguaçú	
036: Literaturas Estaduais	44
037: Miguel Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu"	45
038: Salim Miguel: "A morte do tenente e outras mortes	46

039: O círculo da memória	47
040: Escritor catarinense empolgado pelo turismo	49
041: O que vamos ler	50
042: Catarinenses no festival	51
043: Zum-Zum: constitui-se em grande sucesso o seu lançamento	52
044: Salim Miguel: natalício	53
045: Notas Sociais	54
046: Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense	55
047: Guidi fala a jornalistas sobre as obras de sua administração	56
Índice de Autores	57
Índice de Jornais	59
Índice por ano	61

#### 001: Miguel Salim: um ficcionista que busca as dimensões da palavra

GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim: um ficcionista que busca as dimensões da palavra. Correio do Povo. Porto Alegre. 21 jun. 1969. Caderno de Sábado. pag.7.



Salim Miguel é outro catarinense que o Rio ab-veu gostosamente: o Rio ainda é, como sabeis, o to de encontro dos escritores brasileiros. Apesar instalado entre cariocas, éle é, como Guido Wilmar si, um catarinense pela obra, pois nela gravou a grafía e a gente de sua terra. Filho de libaneses, sou a infância em zonas de colonização a-tã e açorlana (São Pedro de Alcântara, Rochadel e guçu); autodidata tal qual seu companheiro de i-iação literária, como Guido Sassi também leu mui-intensa e tumultuadamente. Ficcionista, procura balbar a palavra numa outra dimensão, descobrin-lhe o sentido recôndito.

### A FUSTIGAÇÃO

#### TRÂNSITO E TABU

## A AGRESSÃO

#### A OBRA E O AUTOR INCONTAMINADOS

CONTISTAS BRASILEIROS - 16

## MIGUEL SALIM, UM FICCIONISTA QUE BUSCA AS DIMENSÕES DA PALAVRA

Remy Gorga Filho

#### 002: Depoimento de Salim Miguel ao suplemento "D"

DEPOIMENTO de Salim Miguel ao suplemento "D". A Gazeta. Florianópolis, 02 nov. 1969. Pag.3.

## Depoimento de Salim Miguel ao Suplemento

Soube que v. vai lançar um romance em breve?

1 - Concluí há pouco um romance, "O Cordão Umbilical", que está dependendo, ainda, de uma última (ou penúltima) retocada. Rompi, intencionalmente, rá ser observado nesse nôvo rocom a estrutura tradicional do gê manco e em alguns contos. neamente, no Rio, em Floriano- gênero romance está esgotado? falar aos tempos futuros? polis, em Biguaçu e em Campos (Est. do Rio), dividido em três tado. Talvez esteja atravessando partes, pretendi realizar, na primedida que o livro se desenvolve e cresce, a figura-chave da história mais vai, num processo deus todo poderoso e onde os inverso, se afundando no passado. E ela que começa falando como uma carioca que é ou julga ser, no final já mistura tudo, usa expressões idiomáticas, modismos aqui da ilha, numa volta, num retôrno inconsciente às raizes. Não existe uma história pròpriamente dita, bem comportada e tos, histórias, casos e causos se to), está longe de se encontrar entrelaçando, sugestões pendentes e interrompidas, insinuações, blotasia, memória, imaginação, coisa vivida e coisa imaginada, presente, passado e futuro, o mesmo fato retomado e largado para resvisão, de outro ângulo e outras perspectivas. Ninguém repete um acontecimento da mesma forma. Distanciamento, momento psicoblemas que nos atingem - tudo isso importa e influi. E é isto que busco recriar. Continuo achando que ficção é sugestão, é invenção, agressão. Sugestão no sentido de que o autor deve exigir a participação do leitor, não lhe entregando tudo mastigado. Invenção mais real do que a realidade vivida e presente que temos diante dos olhos, dependendo da fôrça do escritor e do seu poder de con-

ter influido nessa obra?

Parece-me que o distanciamento de Florianópolis foi bené-

major ampliou horizontes, me fêz ver tudo com outros olhos. Algum encarar a problemática existencial, hamana e literária, já pode-

3 - O romance não está esgomais uma crise cíclica. Sofre, sem dúvida, o impacto dessa nossa era a palavra comunicação é o novo sociais, problemas chegam logo ao conheficção (prefiro-a à palavra romanque conta com nomes como Cortazar, Vargas Lloza, Borges, Garcia Marques, Asturias, Carpenno-americana a meu ver a mais importante de tôdas no momenesgotzda. Renovou o género, danprofundidade. E nos outros paie se procura uma abertura. Pode cional, que apenas dá o seu recado digestivo sem mexer com o leitor

#### gresso tecnológico, está fadada a desaparecer para dar lugar à outra forma de comunicação?

4 — Parece-me que o conto brasileiro representa, no momento, melhor a literatura brasileira do que o romance. Volto a insistir agui na palavra ficção, (que prefiro) tão do agrado de um Borges e que melhor caracteriza um Arreola, do que conto ou romance. Mas fiquemos nas denominações convencionais, por enquanto. Aqui mesmo temos bons romancistas Da minha geração cito o Guido Wilmar Sassi. Depois dêle, o Ri- nos diz dela? vencer e da autenticidade que êle cardo Hoffmann e o Miro Moconsiga insuflar à sua criação. rais, este último se encaixando Por fim, a finalidade da arte não perfeitamente na definição de ficé agradar, mas agredir. O que não cionista. No conto nacional, entre os mais significativos, Trevisan, Em que sentido a sua mudança J. Veiga, Edson Gomes, Rubem da 'provincia para o Rio poderá Fonseca, o catarinense Fiávio José Cardoso, Hélio Pólvora, Moreira Campos, José Louseiro, Luís Vilela, Samuel Rawet, Osman Lins,

Por que a literatura de nosso tempo poderá sofrer, dentro em pouco, o desgaste do tempo? So

O aparecimento de uma grande floração de escritores é fenômeno que não se explica em caria o aparecimento de novos poucas palayras. Existem numerode transformações violentas, onde sos condicionamentos (políticos, econômicos, filosôficos, etc.). Mas de repente nada disto importa. O que aquí é válido pode cimento de quase todos. Mas uma pão o ser ali. Cumpre não confundir grande escritor com escritor de grande promoção. São coisas, quase sempre, diametralmen-Arreola, Onetti, Rulfo, Fuentes, te opostas, Mas também aqui as generalizações são falíveis. Ainda tier, Sábato, entre outros (para agora temos um exemplo: "Cem anos de Solidão", de Gabriel Garcia Marques, é sucesso internacional de público e é, ao mesmo tempo, obra da maior importancia literária, considerada a obra mais significativa da literatura hispano-americana depois de "D. ses, mesmo no Brasil, se pesquisa Quixote". Outro exemplo: muito embora a maior divulgação que estão tendo os escritores norteamericanos atuais e o valor de alguns nomes isoladamente, a grande geração que renovou a literatura mundial foi a de Hemingway, dos Passos, Faulkner, etc. Também o poderio econômico tem a sua significação. Mas não tanto. Aqui também os dados nunca são definitivos, dogmáticos. Se não, como explicariamos ser a literatura hispano-americana a mais to a dos Estados Unidos (para não falar na quase inexistente da União Soviética), as duas maiores potências atuais, pouco represen-

## E a literatura provinciana, que

6 — Pouco tenho acompanhado o movimento literário de Santa Catarina, embora déle não me desligue. Citaria, entre os mais novos, o trabalho de um Pisanl, as pesquisas na ficção de um Raul Caldas, na poesia de um de Haro ou Bell, ou Ronaldo Schmidt, um Prade no ensaio ou um

nôvo, que poderia provocar um florescimento, é o incentivo que a UFSC vem dando às atividades culturais. Apenas um reparo e uma sugestão: um plano editoria porque è uma má literatura rial, aproveitando-se a imprensa ou porque o fenômeno se explica universitária, é indispensável. Por Partilha da opinião de que o pelo fato de essa literatura não pequeno que fôsse êste plano, uma série de cadernos (ficção, poesia, ensaio, divulgação em geral), ajudaria, estimularia, provovalores, a fixação dos já existentes. Falo por experiência própria

> E ai estão os meus companheiros de geração que não me deixam mentir. Refiro-me à luta que nos da "SUL" tivémos. Refiro-me aos que, desestimulados, desistiram, se estiolaram por falta de um mínimo de apoio e condições objetivas e subjetivas. Refiro-me para dar um exemplo, a um Silveira de Souza, ficcionista dos melhores já surgidos em Santa Catarina, com dois livros da me Thor cualidade publicados e que pouco tem produzido últimamen-

#### O que é que mais the atrai come

7 - O que mais me atrai, como escritor, é a pesquisa. Sou um eterno insatisfeito. E muito me orgulho disto. Por isso mesmo acredito que dificilmente deixarei uma obra acabada. Aliás, odeio o que se intitula acabado. Acabado é morte. Uma vez realizada, o que sobra a uma pessoa? Um tiro na cabeça. A obra em processo constante é o que me fascina e seduz; a obra em evolução e bus ca permanente é o que me parece fundamental. Dai essa insatisfacão que marca e caracteriza o que faço. Sempre incompleto, sempre diferente - melhor ou pior pouco importa. Esse romper com as estruturas, por outro lado, se caracteriza e diferencia um trabalho e uma personalidade, não per mite uma obra com unidade

#### O que é que v. gostaria de fazer ainda como escritor?

8 - O de que eu gostaria mesmo era de ter mais tempo (todo o tempo) para dedicar à literatura. Infelizmente isto é impossivel. A luta pela sobrevivência impede e dificulta o viver.

#### 003: A resposta do Salim

SILVEIRA, Luiz Henrique da. A resposta do Salim. O Município. Brusque, 28 out. 1966. pag. 2.

# Kesposta do Salim

(LUIZ HENRIQUE DA 'SILVEIRA)

Abro a "Manchete" e fico deslumbrado com uma belissima reportagem em côres que a gran-de Revista dedicou ao Estado de Santa Catarina. Folheio-a e minha admiração aumenta à medida roineio-a e minha admiração aumenta a medida que vou verificando o volume e a qualidade da reportagem, quase dois térços bem escritos e ótimamente fotografados de uma revista de penetração nacional. Imediatamente começo a desconfiar (pobre quando vé muita fartura desconfia). Penso logo que há dente de coelho no negócio. Volto atrás na minha leitura e leio o nome do repórter: SALIM MIGUEL

Então, compreendo porque a "Manchete" que, como outras revistas, tem sempre esquecido o nosso Estado, vem agora demonstrar tanto interêsse em dar mostra ao Brasil da atual Santa Catarina, em reportagem de tão alto quilate.

Por trás disso tudo esta um barriga-verde de meia idade farto de rosto e de sentimento, um pouco gôrdo (tanto fisica como culturalmente), que teve de fugir para o Rio, devido à incompreensão dos seus conterrâneos. Então, compreendo porque a "Manchete" que,

dos seus conterrâneos.

dos seus conterraneos.

Para quem ainda não o conhece, apresento o meu amigo Salim Miguel, com quem ja dividi bons e maus bocados. Filho de casal libanês, Salim, nascido no comércio, teve desde cêdo pendão para outras coisas, nunca para c comércio. Tentou, porém não fugir à vocação familiar. Instalou uma livraria na Praça XV, em Florianópolis. O negócio deu em nada. Amigo dos livros, Salim antes os lia, antes os dava, antes os emprestava (e livro é coiantes os dava, antes os emprestava (e livro é coi-sa que não se emprestal) que própriamente os vendia.

Ledor infatigável, antes disso Salim já era conhecido nas lides literárias, escrevendo contos, publicando jornais e revistas especializados em literatura, mantendo coluna literária no jornal "O Estado", correspondendo se com escritores conhecidos. Jornalista por don inato, Salim colaborou com muitos jornais dêste Estado, chegando a ser nomeado redator da Agência Nacional e do Serviço de Imprensa do Palácio do Governo Essa atividade literária do bom amigo Salim

Essa atividade literária do bom amigo Salim levou-o a contáto com pessoas das mais diversas. Liberal por excelência, Salim aceitava discutir pro-blemas de libratura com pessoa de qualquer con-

cepção e sempre o fazia com máxima benevolên-cia, expondo seus pontos de vista e dando inteira liberdade ao seu interlocutor para que também o

Sua atividade literária, de um idealismo inequebrantável, tornou Salim um despreendido das vantagens materiais da vida, modelando o na simplicidade e na benignidade. Mas, como sempre dizia, "— intelectual na Provincia é caso de Polícia".

Foi justamente o que se deu. Como diz Voltaire, "para fazer o mal encontra-se por dia cem pessoas; mas, para fazer o bem, é raro aparecer uma num ano todo". Não tardou que intrigantes e invejosos, que jornalistas frustrados, estendessem contra Salim o dedo da alcagoetagem. Salim foi prêso. Sua casa foi vigiada, É, até que provasse que as denúncias contra si eram falsas, Salim teve que sofrer grandes humilhações, que se estendeque sofrer grandes humilhações, que se estende-ram a seus filhos na escola.

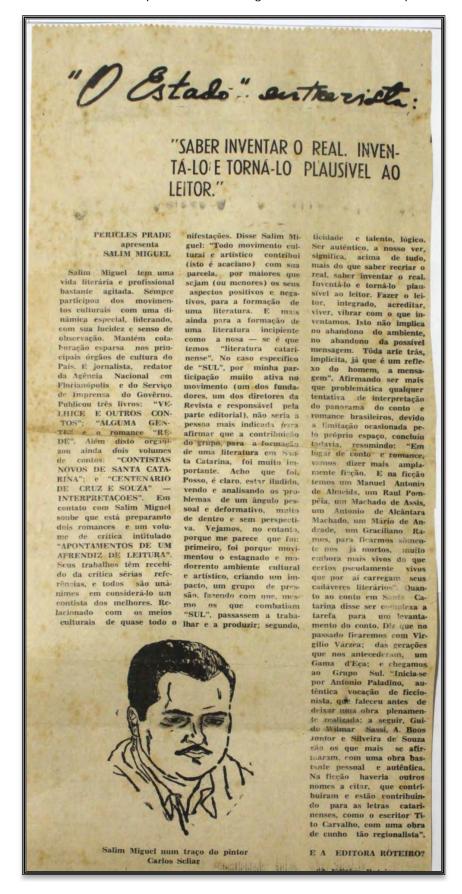
Magoados com seus l'conterrâneos, percebeu que não cabia mais na vida provinciana. Colocou certas coisas em dia e foi para o Rio tentar nova vida. Conhecido que já era como homem de pensamento e vigoroso jornalista, não lhe foi dificil ingressar numa grande revista brasileira. E, na primeira boa oportunidade que teve, postulou uma boa reportagem sôbre seu Estado. Obteve vitória no seu intento e brinda-nos agora com esse notável trabalho jornalistico.

Isso vem revelar, com justeza, o seu temperamento. Salim nunca foi de revidar o mal com o mal Revida o mal que lhe fizeram os catarinenses com um bem imenso, inesgotável. O Estado de Santa Catarina muito ganhara em divisas com essa reportagem. Suas emprêsas são agora conhecidas, suas cidades atrairão inúmeros viajantes e suas praias encher-se-ão de turistas.

Doravante, quando algum de nós, catarinenses, chegarmos no Rio ou em São Paulo e dissermos que somos de Joinville, de Blumenau, de Brusque ou de Floriánópolis, não mais dirão que somos paranaenses. E isto porque o Salim empregou todos os seus conhecimentos auras abra increalistica. os seus conhecimentos numa obra jornalistica em que deu boa resposta a todos nós. Parabéns, velho Amigo.

#### 004 - Péricles Prade apresenta Salim Miguel.

PRADE, Péricles. Péricles Prade apresenta Salim Miguel. O Estado. Florianópolis, 07 ago.1963.



Carlos Schar

4

País, impôs através seu laboratório literário, aos cri-ticos brasileiros, seus livros, que condensam psicològicamente sua maneira de ver as pessoas e as coisas. Uma entrevista dêste gênero, não comporta, evi-dente, um estudo sôbre Salim Miguel. Seria necessário agudas observações a fim de que os interessados pudessem realmente correr tôda sua temática, penetrar suas florestas interiores, buscar nas entrelinhas de seus personagens o ritmo, talvez, de sua própria vida. De uma simplicidade madura, Salim Mi-guel, deixa-nos à vontade, certo de que acredita na fôrça e autencidade de seus trabalhos, frutos de sua privilegiada sensibilidade.

#### O "GRUPO SUL"

Estávamos no Gabinete de Relações Públicas do Palácio do Govêrno, falando a respeito de PROUST e MARQUES REBELO, em companhia dos jornalistas que compõem esta Organização. Da troca de idéias surgiu o desejo de entrevistar êste literato, mostrálo ao publico, como é, o que faz, o que pretende fazer. Os que conhecem, pelos menos superficialmente l Literatura Catarinense (considerada aqui em seu senso lato), sabem da alta participação de Salim Miguel no "Grupo Sul", considerado não só pelo Pais, no estrangeiro também. Solicitei que o romancista fizesse um depoimento, nara que pudéssemos ter um esclarecimento sadio sobre o desenvolver do grupo. desde suas primeiras ma-

foi porque fez chegar até a provincia um movimento já velho e revelho no Brasil (o movimento de arté moderna) e que havia passado via aérea pelo Estado, não deixando a mínima mossa nos que ainda - e aqui - viviam, em plena década de 1940, no antes de 1922, diria mesmo no antes de 1900, remoendo probleminhas ultrapassados e gastos; terceiro, foi porque possibilitou o surgimento de alguns nomes que, já hoje, ultrapassaram as fron teiras do estado, se projetando nacionalmente, como, para me ater apenas a dois elementos, Guido Wilmar Sassi nas Letras e Hugo Mund Júnior nas artes plásticas; e quarto, finalmente, foi porque, quer queiram quer não, todos os que surgiram após o denominado "movimento SUL", dêle beneficiaram, seja pelo alargamento do meio e das condições ambientes, seja mesmo por não incidirem nos mesmos êrros, já que a fase - vá lá palavra antipática - heróica, no combate, não tinha mais razão de ser. Dai a possibilidade de uma obra mais equilibrada e sóbria, sem os exageros de todo movimento pioneiro".

### CONTO E ROMANCE NO BRASIL

Considerou Salim Miguel que, antes de falar a respeito do panorama do conto e romance no Brasil, antes de conceituar os valòres mais representativos é de importància fazer éste esclarecimento: "Exigimos, de um artista, em primeiro lugar, autonicimado, auto-

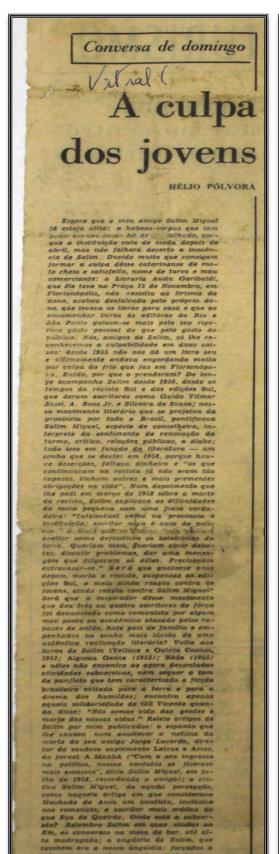
"A Editôra Roteiro se explica em poucas palavras: representa a eterna insatisfação, desejo de continuar fazendo alguma coisa. de continuar trabalhando. Foi dessa insatisfação que surgiu. Juntaram-se elementos diversos, visando um fim comum. E aí está o Jusprimeiro lancamento. tamente de um dos nomes mais representativos das letras catarinenses: Silveira de Souza, com a sua literatura sóbria e sombria, no-turna e pessoal. "Uma Voz na Praça", intitula-se a Obra. Outros volumes estão programados, para lan-çamento ainda êste ano. "Sereia e Castiçal", poemas de Péricles Prade; e "Boi de Mamão", desenhos de E. Meyer Filho, tendo por ma o popular auto folclórico catarinense, serão os primeiros, já em fase de composição".

#### OUTROS TRABALHOS

Salim Miguel publicará brevemente "OS NOSSOS IGUAIS", contos e "AL-GUEM ROUBOU", farsa em três atos. Vê-se, então, que êste literato rompeu a crita água-com-açucar, em têrmos sérios uma valorização mais exata do que se chama literatura catarinense. Sua participação nos movimentos culturais tem permanecido e permanece como útil contribuição paro o conhecimento adequado de nossas letras. Hoje, Salim, continua escrevendo, confiante no seu poder de análise, buscando a todo instante se aperfeiçoar na "difícil arte de escrever". Enfim, o público espera o lançamento de sua Office Declara

#### 005: A culpa dos Jovens

POLVORA, Helio. A culpa dos Jovens. [**Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 07 jun.1964]. Coluna Conversa de Domingo.



aceitar como definitivos os belefristas da terra. Querlam mais, queriam abrir debates, discutir problemas, dar uma mensagem que julgavam só déles. Precisavam extravasar-se." Ser é que quatorze anos depois, morta a revista, suspensas as edições Sul, o meio ainda reagiu contra os jovens, ainda reagiu contra Salim Miguel? Será que o inspirador desse movimento que deu três ou quatro escritores de força joi denunciado como comunista por algum mau poeta ou acadêmico atacado pelos rapazes de então, hoje pais de família e empenhados no sonho mais lúcido de uma autêntica realização literária? Volto aos livros de Salim (Velhice e Outros Contos, 1951; Alguma Gente (1953); Réde (1955) e néles não encontro as agora decantadas atividades subversivas, nem sequer o tom de panfleto que tem caracterizado a ficção brasileira voltada para a terra e para o drama dos humildes; encontro apenas aquela solidariedade de Gil Vicente quando disse: "Nós somos vida das gentes e morte das nossas vidas." Releio artigos de Salim por mim publicados: o espanto que lhe causou num anoitecer a noticia da morte do seu amigo Jorge Lacerda, diretor do saudoso suplemento Letras e Artes, do jornal A Manhã ("Com o seu ingresso na politica, nossos contatos se fizeram mais escassos", dizla Salim Miguel, em julho de 1958, recordando o amigo); o critico Salim Miguel, de aguda percepção, como naquele artigo em que considerava Machado de Assis um contista, inclusive nos romances, e escritor mais erótico do que Eça de Queiros. Onde está a subversão? Relembro Salim em suas vindas ao Rio, as conversas na mesa de bar, até alta madrugada; a angústia de Salim, que também era a nossa angústia: forçados a sobreviver, forçados a ganhar dinheiro para o almoço e o jantar do dia seguinte. dificilmente podiamos conciliar a vida e a arte; os temas de contos, novelas e romances enchiam nossas cabeças e nos levavam ao desespero. Se este sentir e este sofrer, se esta busca do autêntico, se éste esforço de definição constituem acaso ato subversivo, então tóda esta nova geração brasileira, que saiu ou está por sair das universidades, que está escrevendo, lendo, estudando ou simplesmente se preparando para viver como homens responsáveis - então todos nos merecemos estar segregados na cadeia, em lugar oculto e não sabido, e sem direito de defesa, sem direito sequer ao habeas-corpus que ja joi uma instituição brasileira por excelência. Nos os jovens não somos culpados por essa agitação, essa inquietação e esse ceticismo que nos envolve como uma auréola: já vimos falhar muitas revoluções feitas em nome de altos ideais humanitários, e o expurgo significa para nós ape-nas uma oportunidade de cheirar a imundicie: é preciso cheirá-la (disse o velho Hemingway antes de estourar os miolos) para se conhecer a verdade. Transcoo format do Brosil

#### 006: A culpa dos jovens

POLVORA, Helio. O Estado. Florianópolis, 23 jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.



#### 007: Fazem & dizem

CONDÉ, José. Fazem & dizem. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, pag. 2. Coluna escritores e livros.



#### 008: Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar"

CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar". **Correio da Manhã.** Rio de janeiro, Nov. 1959, pag. 2.

#### SALIM MIGUEL: "NÃO ME INTERESSA MAIS PUBLICAR POR PUBLICAR"

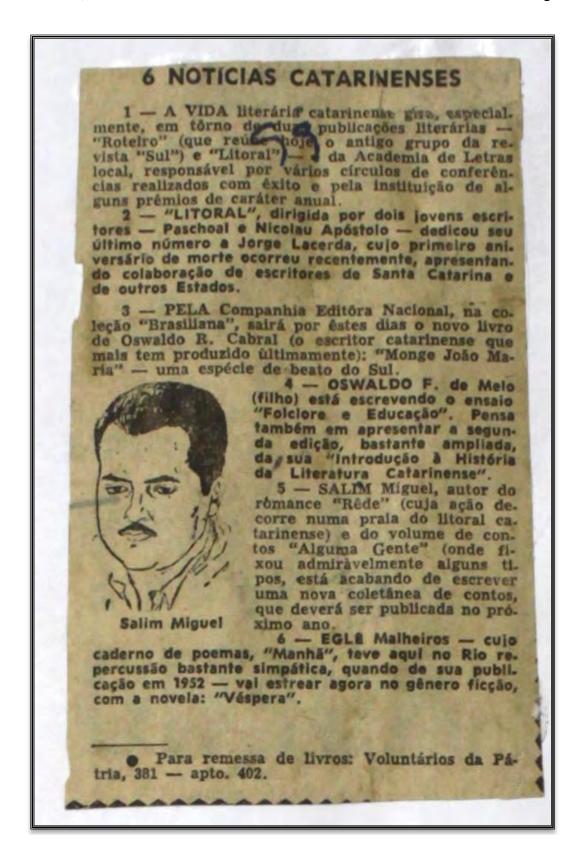
ENCONTRA-SE no Rio o escritor catarinense Salim Miguel, um dos fundadores da revista "Sul" e gran. de animador do movimento literário em sua terra. "A atividade cultural em Florianópolis, nos últimos anos, girou principalmente em torno do grupo da revista "Sul", hoje felizmente falecida" - disseme êle. Acrescentando: "Explico êste "felizmente". E' que, a meu ver, para as publicações de novos, ditas experimentais, deveria exis-tir um periodo fixo de vida. Dai em diante, ou elas se transformariam, tornando-se mais significativas, culturalmente falando, ou dei. xariam de circular. "Sul", nos últimos tempos, caira numa rotina perigosa e esterilizante. Foi portanto bom que acabasse. Junte-se a isso as dificuldades financeiras, crescendo sempre com o correr dos anos, até se tornarem insuperáveis. Depois de dez anos de vida, a revista lutava com maiores dificuldades para sobreviver, do que quando surgiu."

Sobre suas atividades pessoais: - "Tenho trabalhado muito pouco, lentamente. Aliás, nestes três últimos anos, estou mais ligado ao cinema do que à literatura. Primeiro, foi uma aventura cinematográfica. Uma longa metragem, para o qual Eglê Malheiros (poetisa e mulher de Salim Miguel) e eu escrevemos o argumento. O filme está pronto há algum tempo, mas só agora vai ser lançado no Rio e São Paulo. Todo realizado em Florianópolis, com capital all levantado, mostrando histórias ali desenroladas, procurando ao mesmo tempo ser crônica e painel de uma cidade na provincia, o filme poderia ter sido uma curlosa experiência. Infelizmente é uma película frustrada. Mas de qualquer maneira o cinema é uma aventura fascinante, pelas possibilidades totalmente novas que oferece."



#### 009: 6 Notícias catarinenses.

CONDÉ, José. 6 Notícias catarinenses. Correio da Manhã. Rio de Janeiro. 06 ago. 1959.



#### 010: El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel.

SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel. **Revista Veladas.** Buenos Aires, mar. 1957, pag. 81.

## el realismo social en la última obra de salim miguel

CON la publicación de "Rede", titulo sintético de una extensa novela de vasta acción social, Salin: Miguel apártase del camino de recorte psicológico trazado en sus dos libros anteriores: "Velhice e outros contos" y "Alguna Gente", para iniciar una nueva aventura literaria. En este último libro el autor toma una posición definida al abandonar el tema analítico de sus producciones lanzadas a la publicidad con anterioridad, para encauzar en la tradición novelistica de los grandes escritores brasileños.

des escritores brasileños.

Salim Miguel debatíase en la encrucijada de dos caminos, vacilaba entre dos temas literarios (el que tendia a una visión fantasmagórica, y el realista) no obstante existir en el una conciencia de clase y una concepción humanitaria y sociológica ya formadas. El primero de ellos es indirecto, pero está hondamente impregnado en el autor como consecuencia de lecturas de Dostoievski, Poe y sobre todo de su compatriota Graciliano Ramos, de quien sigue siendo fervoroso admirador; el segundo es más consecuente, directo, y básase en la vida cotidiana, llena de sacrificios y miserias del hombre callejero y de sus anhelos colectivos.

Sin embargo, notábase ya en los cuentos y crónicas noveladas de sus dos primeros libros, aunque veladamente, una tendencia hacia lo real, lo objetivo.

Pero lo psicológico poseia una preponderancia sobre aquél. El autor basábase más en lo psiquico que en la realidad desgarradora de la vida colectiva, para traer a flote sus personajes. Pero

por ANTONIO SIMOES (Jr.)

Revista Veladas Buenos Aries - 1957 (marg). ahora lo excesivamente analítico va decreciendo paulatinamente hacia lo real, fundiéndose ambas tendencias en un eje propulsor del universo novelistico de "Rede". Esto quiere decir que las dos tendencias que siempre ofrecen la misma equidistancia en relación al quehacer literario de Salim Miguel, contradictorias u opuestas sólo en apariencia, se van transformando en un todo, dejando por lo tanto, de ser meros elementos de retazos inorgánicos, antagónicos, para sintetizar la conjugación de dos fases de la realidad, quizás la de dos mundos aparentemente distintos, pero que en verdad no lo son.

Claro que el social acaba de prevalecer con toda su objetividad sobre las especulaciones de orden psicológico, en las páginas de "Rede". Es esta una extensa novela que enfoca corajudamente el drama actual de un pueblo de pescadores. Con su publicación, Salim Miguel emprende una nueva aventura literaria, ahincando más profundamente los pies en la tierra, para describir la vida miserable y degradante de una población que despierta para luchar contra el oscurantismo, la rutina y la explotación del hombre por su semejante. La acción de la novela desarróllase en la villa de Ganchos, conglomerado de pescadores perdido en los confines de Santa Catalina, ignorado y abandonado a su suerte por los gobernantes demagógicos que sólo se acuerdan del pueblo y le alaban en día de elecciones. En sus compactas trescientas páginas se refleja un drama horripilante y denso que rebasa por su intensidad humana, el fabricado por la fantasía de los cronistas de lo pintoresco, de las medias tintas. Trátase nada menos que... del hambre, flagelo tan característico de algunas regiones brasileñas donde el hombre vive muy por abajo de su condición zoológica.

Salim Miguel no tergiversa la realidad ni hace concesiones de orden sociológico que puedan limitar su descripción realista. Pero a veces, quizás por la falta de pericia que suele existir en quien maneja tan magna materia por vez primera, no halla la manera más feliz de armonizar el estilo literario con tan vasto arsenal de emociones humanas y luchas sociales, dándonos en consecuencia, algunas páginas flojas, que aunque intentan expresar una tónica anecdotaria al margen del hilo conductor, como un complemento indirecto, no lo consiguen. Pese a estas pequeñas deficiencias que el autor tendrá en cuenta, estamos seguros, en sus futuras novelas, la obra está en lineas generales, bien realizada, y logra sus propósitos, que son denunciar el hecho miserable que apremia a los pescadores de una de las regiones más huerfanas de Brasil.

La trama novelística está dada con profundidad dentro de las debidas proporciones. Víctimas del progreso que en la estructura social y económica de regiones semifeudales, sólo beneficia a las clases pudientes, los pequeños propietarios de la industria del pescado, que ven peligrar sus intereses de clase, sin tener en cuenta los perjuicios que ocasionan a sus asalariados, los simples pescadores, se unen para hacer frente al enemigo foráneo.

Pero los de abajo, los del último escalón social, también reaccionan. Entonces surge el divisor común de variadas y enconadas luchas, que como la pleamar, suben o bajan de grado.

"Rede" es una documental donde la vida palpita, donde la tragedia y el hambre no son ficticios. Todo alli es realidad, acción, sueños y esperanzas plausibles, un pedazo del Brasil, un fragmento de esta América enajenada.

# 011: Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel

SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel. **O Estado.** Florianópolis, 07 abr. 1957.



#### 012: Literatura.

LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER CIVIL. **Diário de Pernambuco.** Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3.



#### 013: Santa Catarina

SANTA CATARINA. Jornal de Letras. Rio de Janeiro, Fev./Mar. 1956, n. 80.

# SANTA CATARINA

movimento literário nas províncias, embora geralmente pouco divulgado no Rio, continua animadoramente produtivo entre os novos, quase sempre reunidos em tôrno de uma revista ou editôra. Em Florianópolis, por exemplo, há um grupo de gente moça e en-tusiasta funcionando sob a égide das Edições Sul, grupo em que se destacam Antônio Palladino, Guido Wilmar Sassi, A. Boos Jr., J. P. Silveira de Sousa, Oswaldo F. de Melo (filho), Ody Fraga, Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Eglê Malheiros e Salim Miguel, poetas, romancistas, teatrólogos e ensaístas que merecem o estímulo e a compreensão dos confrades dos centros maiores. Por outro lado, deve-se ressaltar o papel heróico dessas editôras provincianas, como as Edições Sul, lançando com bravura autores novos nos gêneros mais diversos, o que representa boa dose de idealismo numa época tão pouco propícia a essas aventuras do espírito. Ainda agora, recebemos das Edições Sul o sexto volume de suas publicações, o romance "Rêde", de Salim Miguel, desenrolado numa pequena vila de pescadores do litoral catarinense, a vila de Ganchos, que o autor retrata veridicamente no pórtico do livro, em poucas linhas, tentando situar no espaço a ação da obra. Daí o título, os personagens e a história, girando naturalmente em tôrno de pescadores e do mar "esverdeado e transparente". História néo-rea-lista, onde o documentário da realidade fica atenuado através da recriação literária, "Rêde" apresenta-nos um escritor bem dotado mas sofrendo talvez de um excesso de assunto. Seja como fôr, Salim Miguel é um nome a ser lembrado com simpatia pelo que promete de novas realizações, juntamente com as Edições Sul, que já nos deram, até agora, seis trabalhos de autores novos catarinenses: Velhice e outros contos, de Salim Miguel; A Ponte (prosa e verso), de Antônio Palladino; Alguma gente, histórias de Salim Miguel; Piá, contos, por Guido Wilmar Sassi; Contistas novos de Santa Catarina, antologia; "Rêde", romance de Salim Miguel.

#### 014: A cultura em toda parte: dois romancistas novos

A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. Jornal Popular. Rio de Janeiro, 24 nov. 1958.



#### 015: Escritor catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel

ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 21 mar. 1956.

## Escritor Catarinense Empolgado pelo Turismo — Salim Miguel: Novelista e Livreiro Objetiva uma Campanha de Progresso

Salim Miguel é um jovem responsavel pela renovação de valores vanguardeiros na literatura e nas artes catarinenses. Ilhéo, é tão tímido quanto bom manejador da pena, Jornalista ágil e melhor contista, sua cabeça grava muito bem cenas ao seu derredor, transpostas, cheias de vida, de calor humano e dentro da meinor técnica, para livros que reafirmam o conceito que fazemos do jovem novelista que reuniu em torno de si um grupo de elementos cujos nomes já se projetaram álém fronteiras.

Salim Miguel fundou e é um dos diretores da revista «SUL», que dêsde 1948 se edita em Florianópolis, sendo muito conhecida e apreciada no Brasil e fora de seus lin ites, pois sua mensagem alcança a Argentina, Uruguai, Espanha, Africa Portuguêsa, Portugal, etc.. Publicou, de seu autoria «Velhice e outros contos» (1951), «Alguma Gente» — his torias (1953) e o romance «Rêde», saido do prelo no ano

Sua livraria é uma das melhores da capital, e em meio a seus inúmeros azares, Salim M guel ainda encontra tempo de preparar um volume onde reunirá seus apontamentos de critica literaria (e bôa critica...), um volume de contos e uma novela, colaborando, também, em jornais e revistas do Estado, do país e de Portugual, publicando especialmente artigos sôbre autores e livros, e em seu ról de atividades se inclui a correspondência de Santa Catarina para a «HORA» de Porto Alegre.

Pode-se dizer mesmo que o lançamento da revista «SUL» revolucionou a pacatez do ambiente literario da capital, pelo cunho de movimento modernista de que se revista, muito embora o mesmo ja tivesse sido em muitos pontos ultrapassado a «antropofagia» da revolução literaria havida ha vinte anos em São Faulo.

O grupo editor de «SUL» ajudou, a organizar o Museu de Arte Moderna de l'orianopolis, o Teatro Experimental, Clube de Cinema, e as edições de caderno« SUL», tendo trabalhado constantemente «pela divulgação la fora de coisas nossa», na expressão de Salim Miguel.

### — Uma Opinião Valiosa —

Fomos procurar o novelista em rapidas linhas acima biografado, para que se referisse sobre o planejamento turístico da Transportes Aéreos Catarinense, visando divulgar Fiorianopolis, fazê la conhecida e visitada. Salim Mi-

guel não se fez de rogado. Deixemo-lo falar:

Ja' se tornou acaciano dizer-se que as possibilidades de Florianopolis são no terreno do turismo, no aproveitamento das belezas naturais da alba, e tambem nas suas possibilidades como futura cidade universitaria. Não possuindo industrias seu comercio sendo mínimo, não tendo outras fontes de renda — é especialmente no turismo que se deve buscar tais fontes. Florianopolis é, atualmente o que se convencionou chamar uma «cidade de funcionalismo publico».

Não é de hoje que se fala, que se clama pelo turismo em Florianopolis. Hà muitos anos que em tal se pensa. Mas aunca se passava da palavra á ação. Tôlos achavam imprescindivel, mais do que necessário. As discussões teóricas

para o das realizações práticas é que eram elas.

Foi principalmente com o plano de turismo da TAC (Transportes Aéreos Catarinense) que alguma coisa começou a ser feita. Com uma bem organizada e constante campanha de divulgação, chamando a atenção para os pontos mais pitorescos da ilha, facilitando a vinda de personalidades de fora e aproveitando o melhor possivel as que aqui vinham parar por outro motivo qualquer, a TAC vem realizando um frabalho pi neiristico do melhor quilate e que deve ser imitado por outros. Tendo á frente de seus trabalhos pessôas como, Luiz Fiuza Lima, na direção e Ilmar Carvalho no Departamento de Relações Públicas, vem batalhando de modo constante e cocrente para transformar, em futuro pròximo, o furismo numa fonte de renda, não é só a Lagôa com o futuro Hotel Dunas, não é só o clube do Penhasco, não é só o constante plano de divulgação e penetração do Departamento de Turida TAC. São tôdas as outras mil pequeninas coisas que fazema com plano seja vitoriosos.

#### Não é o bastante

Mas isto não é o bastante. Existem os contras, o que é preciso realizar urgentemente, como, por axemplo, estradas. Não se pode compreender que se pense em turismo sem estradas. Embora melhores, as nossas estradas para os pontos pitorescos da ilha, só com muito bôa vontade pedem ser denominadas de «estradas». São quase como diria Rubem Braga, «estradas para avião». Vamos ver se atuais detentores dos poderes públicos dedicam um pouco de suas atenções para a coisa.

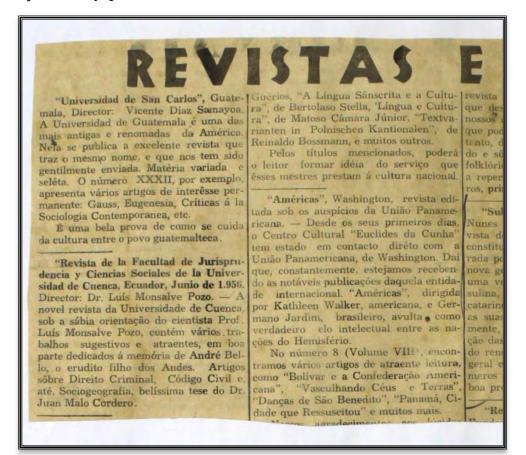
Os resultados, temos certeza, serão positivos, serão os melhores possiveis. Pelo que ja se tem conseguido no pouco tempo de stividade, não ha se é que havia mais dúvidas a respeito. Depende agora, sómente, de trabalho e contoui-

dade

(Serviço de Imprensa do Departamento de Relações Publicas da Transportes Aéreos Catarinense - T A C.)

#### 016: Revistas e jornais

REVISTAS e jornais. Tapejana. Ponta Grossa, dez. 1956.



#### "Ciência e Cultura", São Paulo. iltu- revista que recebemos regularmente, ultu-tva-de que pode parecer exclusivista, é, no en-Este, o nome da importante revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciencia. São trabalhos e pesquisas realizados por especialistas experimentados e tanto, de înterêsse geral. Contém de tucom vasto lastro cultural: Carlos Chagas do e sôbre tudo informa: até minucias derá Filho, Pedro Sawaya, Mario G. Ferri. que folklóricas das nações americanas! Donde, Além de tudo, comentários, notas origia repercussão que obtem os seus númenais, homens e instituições, livros e reros, principalmente em castelhano edivistas, enfim, secções bem dirigidas e distribuidas, o que torna apaixonante a li-"Sul", Florianópolis. Diretores: Aníbal meteratura dêsse transcendental orgão de Nunes Pires e Salim Miguel. - A Revista de Anibal Pires e Salim Miguel cultura. nha' constitui algo notável no gênero. Lide-Gratos ao Snr. José Reis e companhei-Dai rada por êsses lídimos representantes da ros de redação nova geração catarinense, tem provocado tida- uma verdadeira renovação na literatura "Revista de los Andes", Loja, Equador. Diretor: Jorge Hugo Rengel V. gida sulina, porquanto, congregando talentos A revista de Jorge Rengel é de fundo incatarinenses e mesmo de outros Estados, Ceromo as suas edições se sucedem, vitoriosadigenista. Não faz literatura romântica, mente, desempenhando, assim, uma atuaprocura, sim, apontar as injustiças que os ção das mais dignas e modelares em prol indios continuam a sofrer em sua pródo renome de sua terra, nesta época de uria terra, desde os tempos da conquista congeral estagnação e descrença. E sio núespanhola. Ninguém ignora que, no Equaura. meros alentados, verdadeiros tomos de dor, os descendentes dos "hidalgos" ainda nerise julgam os donos da terra e do hoboa prosa e verso. "as" mem, êles que nunca souberam o que Cifôsse trabalhar. O índio é comprado e "Revista do Professor", São Paulo.

#### 017: Revistas e jornais

REVISTAS e jornais. Tapejana. Ponta Grossa, dez. 1956.

## SUL

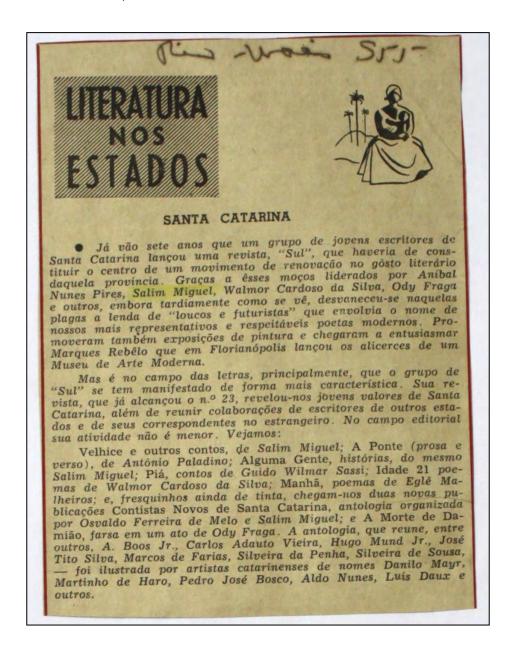
Veintisiete números lleva publicados esta prestigiosa e importante revista brasileña. La edita el Círculo de arte moderno de

Florianópolis, y son sus directores Anibal Nunes Pires y Salim Miguel. En su copioso número 27, recién aparecido, se registran importantes trabajos de O. F. de Melo sobre la literatura catarinense, de Henrique do Amaral sobre Alexandre O'Neill, de Antonio Simoes Júnior sobre el novelista boliviano Jesús Lara, cuentos de Francisco José Pereira, Carlos Adauto Vieira, Alejandre Cabral, una novela corta de Mateus-María Guadalupe, poemas de Anibal Nunes Pires. Walmor Cardoso da Silva, Colbert Malheiros, Blanca Terra Viera y otros -entre ellos el que firma esta sección-, las correspondientes secciones de crítica, abundante material fotográfico y reproducciones -muy numerosas— de jóvenes artistas brasileños.

Llama la atención que en una ciudad como Florianópolis, casi desconocida en el mapa cultural, florezcan revistas de la jerarquía de Sul, lo cual habla muy alto de la dinámica nacional en cuanto a cultura, de nuestra vecina de lengua portuguesa.

#### 018: Sul

SUL. Estúdios. Buenos Aires, Nov.1956.



#### 019: Literatura nos estados: Santa Catarina

LITERATURA nos estados: Santa Catarina. Jornal de Letras. Rio de Janeiro, maio 1956. Coluna literatura nos estados.

# Um Nome e Sete Perguntas Salim Miguel

senciais de um escritor?

2) Qual o romance mais re- porta?... presentativo da literatura brasileira?

R) Não existe "o romance mais representativo". tem romances. Um "Memórias de um sargento de milicias"; um "O Ateneu"; um "Dom Casmurro"; um "Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá"; um "Macunaima"; um gústia", isto para me referir apenas a autores mortos.

3) Como receberia o convite para entrar na Academia Catarinense de Letras?

R) Não aceitaria. Aliás, não me sinto merecedor de tamanha honra: pertencer a insigne sodalicio. As mias não são, e espero nunca venham a ser, para pessoas de meu temperamento. Não fui feito para academias... sejam elas acadêmicas ou modernas.

1) Quais as qualidades es- dos é o romancista Machado de Assis? Citar outros nomes? R) Autenticidade e talento. E o espaço permite?...

> 7) Considera "Roteiro" uma continuação de "SUL"?

R) A meu ver, qualquer movimento cultural que surgiu ou venha a surgir em Florianópolis, depois do que se convencionou chamar Grupo SUL, forcosamente deverá ter guma influência direta ou indireta dêle e à SUL ficará sempre devendo alguma coisa. Quer queira quer não. Daí a ser uma continuação, há um longo caminho a percorrer. Mesmo porque as continuações são coisas detestávei. teiro" pretende preencher um claro, uma lacuna, pretende congregar tôdas as correntes. reunir tôdas as pessoas bem intencionadas e interessadas nos problemas de divulgação cultural e artística. "SUL", devido à época em que surgiu, tinha um sentido mais destrutivo. afirmação pela destruição

4) Qual o maior poeta catarinense da atualidade?

R) Não sei se serão OS "maiores", mesmo porque, em literatura, abomino a palavra major. Para mim, os mais realizados, os que mais me tocam a sensibilidade, onde a meu ver o clima poético e a busca de expressão própria é mais acentuada, até agora, são: Waldemar Cardoso da Silva e Eglê Malheiros. Da última fornada, o que oferece mais possibilidade de vir a se realizar logo, é C. Ronald Schmidt.

5) Se você fôsse fazer uma evolução do conto catarinense, por quem começaria?

R) Para um levantamento do conto, do ponto de vista cronológico, Virgílio Várzea, Qualitativamente, Antônio Paladino, prosseguindo por Guido Wilmar Sassi, A. Boos Jr., Silveira da Penha, Marcos Farias e Silveira de Souza. cronológico, Virgílio Vá.

6) Qual o maior contista brasileiro?

R) Outra vez "maior"? Que tal se eu disser que o maior contista brasileiro são vários? Ou que um dos mais realiza-

afirmação pela destruição, ao mesmo tempo que irreverente. E isto sempre a acompanhou, sempre a perseguiu, mesmo quando as condições ambientes já haviam mudado. Acredito que mesmo mantendo uma característica de combate, independência e afirmação, "Roteiro" poderá ter um outro destino, e representar um passo avante para o conhecimento e a compreensão dos problemas culturais e artísticos.

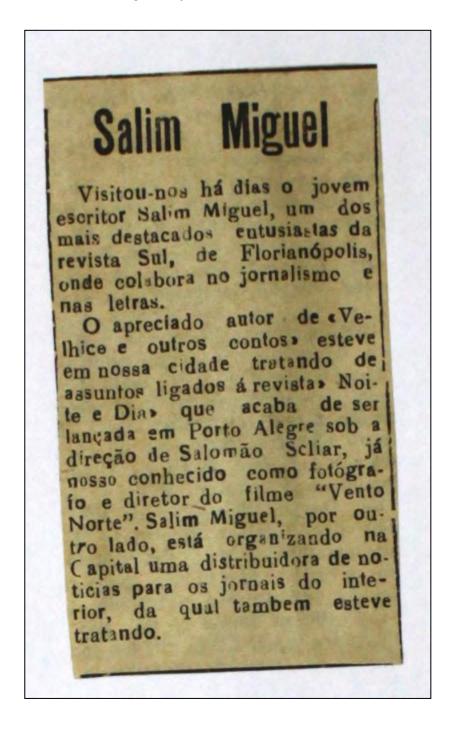
#### 020: Jornalista Salim Miguel

JORNALISTA Salim Miguel. [Correia Pinto], 05 jan. 1952.



#### 021: Salim Miguel. Correio Lageano

Salim Miguel. Correio Lageano. Lages, 19 jan. 1952.



#### 022: As propostas dos escritores para cultura democrática

AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. **Voz da Unidade.** (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso brasileiro dos escritores, n. 247.



O Congresso Brasileiro de Escritores/1985, além da "Carta de Princípios" que aprovou, votou praticamente por unanimidade cir-co resoluções sobre temas específicos, que publicamos integralmente. Estas resoluções (redigidas pelas comissões especiais que as subscrevem) resultam de debates que tiveram como ponto de partida intervenções de Florestan Fernandes, Geir Campos, Ramundo Faoro, José Paulo Paes, Moniz Sodré, Octávio Ianni, Eduardo V. Manso, Fábio Lucas, José Louzeiro, Alfredo Bosi, Carlos Nelson Coutinho. Décio Pignatari, Fernando H. Cardoso, Francisco Weffort e Lygia Fagundes Telles.

# AS PROPO PARA A CI

#### O Escritor e o Estado

Na ausência de diretrizes claramente definidas na sessão plenária sobre O Escritor e e Estado, realizada em 1704-85 no Congresso de Escritores/85, no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, os redatores deste documento o apresentam como expressão de um debate amplo havido no âmbito da própria comissão escolhida ad hoe pelos organizadores do Congresso e não em plenário, como seria desejável.

O Estado brasileiro, hoje, è diferente do Estado construido pelo regime militar. Seu caráter de transição para uma democracia plema abre novas perspectivas de trabalho e de participação para o cidadão. O que obri-ga o intelectual e o escritor a rever sua rela-edo com os diversos segmentos em luta den-tro da sociedade brasileira.

É fundamental o esforço para romper a separação entre sua produção e as massas populares, fruto de uma longa tradição au-toritária e da intimidade que intelectuais e escritores sempre mantiveram com as diver-sas formas de poder.

Novas relações entré o escritor e o Estado passam necessariamente por seu engajamento na luta pelo estabelecimento de relações mais democráticas entre o Estado e o povo. E pela consciência de que, enquanto

Dentro da defesa da estabilidade do regi-Dentro da defesa da estabilidade do regi-me que caminha para a democracia, é ne-cessária a revogação imediata de todas as-leis de exceção, e o es esforços iniciais do atual governo pela abolição da censura de-vem ser consolidados na Constituinte, a los Assembleia Nacional Constituinte, a ser convocada.

O espaço principal da ação do escritor se-rá a criação e a consolidação de suas organi-zações (sindicatos e associações), instru-mentos de suas relações com o Estado e a sociedade.

Sua tarefa essencial como intelectual e ci-dadão será sempre o exercício de um atitude critica permanente.

Cláudio Abramo
Fernando Moraes
Fernando Peixoto
João Antômio
João Jesus Paes Loureiro
Lúcia Helena
Márcio de Souza
Salim Miguel



Mesa de encerramento do Congresso. Da esquerda para a direita véem-se Heitor Ferreir Lygna Fagundes Telles, Rudá de Andrade, Luandino Vieira, Manuel Ferreira e Helder Pr

#### Os Problemas, os Dir a Organização dos Es

A) Problemas do escritor

Considerando que o acesso à informação e à cultura são direitos do cidadão e condição essencial, quer para o pluralismo democrático, quer para o puralismo democrático, quer para o puralismo democrático, quer para o exercício da criação, recomenda-se: do Estado na edição e distribuição do livro, especialmente no que se refere à ocupação dos espaços vazios deixados pelos editores comerciais;

2) A politica editorial oficial deve ser acompanhada, em sua formulação e implementação, por comissões editoriais formadas por entidades representativas do setor, que deverão participar também nos Conselhos de Cultura a nivel federal, estadual e municipal;

3) A participação ativa das Imprensas Oficiais estaduais na produção gráfica do livro, suplementos literários e outros instrumentos culturais;

4) Utilização das TVEs, televisões e rádios em geral para maior divulgação da literatura nacional;

5) Atenção por parte das editoras e organismos culturais oficiais ao resgate da tradição literária oral; à edição de obras e documentos de caráter histórico e cultural regionais e ao estimulo para novos autores;

6) Estabelecimento legal de uma pro-

geiros;

71 Inclusão, nos projetos habitacionais oficiais, de espaços obrigatoriamente destinados a bibliotecas públicas, bem como expansão do Programa Nacional de Bibliotecas Públicas, criando-se redes estaduais de bibliotecas públicas; 81 Descentralização do depósito legal estabelecido pelo decreto 1825 de 20.12.1907, em releção à Biblioteca Nacional:

plementos literarios en de novos;

11) Redefinição de competência do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura em relação ao livro didático e paradidático;

12) Revisão dos programas literários de II e III graus, incluindo autores da atualidade;

### O Escritor e a Indústria Cultural

I) Em vista da relevância da indústria cultural, recomenda-se a ampliação do debate em torno do desempenho e do orientoção dessa indústria, dando lugar a maior participação dos políticos, sindicatos e associa-ções culturas. Tal debate visaria viabilizar formas de maior participação das diferentes camadas sociais no processo de tomada de decisões por parte da indústria cultural;

4) A indústria cultural en atuado de mo-do preponderantemente unilateral sobre as massas. Já é hora, porém, de reverter esse processo e fazer com que — como se mos-trou durante a campanha das **Diretas Já**— a população possa atuar mais sobre os gran-

5) Sugerimos que seja dada divulgação ao projeto de lei apresentado pela Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas ao Congresso Nacional no sentido de defender uma reserva de mercado editorial de história em quadrinhos para a produção nacional no setor;

7) Tendo em vista que o atual processo de distribuição é precário e encarece o livro, sugere-se que a Nova República estude for-mas de colocar esse produto nas diversas partes do país.

Affonso Romano de Sant'Anna Flàvio Khote Gabriel Conh Jaci Bezerra Fagundes de Menezes Nito Scalzo Renata Pallotini Renato Pompeu Roalwalter Jatobà Roberto Drummond

# STAS DOS ESCRITORES **ULTURA DEMOCRÁTICA**



Lima, Jorge Cunha Lima, Fábio Lucas,

#### eitos e ritores

nio público, sugerindo que sejam repas-sados la entidades de escritores para formação de um fundo de publicação para autores novos; 71 Taxar a reprografia, em percentual definido, revertendo sua arrecadação para um fundo de apolo à edição, sem rejuiro das demiais medidas que col-bam a reprodução ilegal de textos por processos mecânicos; 81 Propor que a defesa dos direitos au-torás fique a cargo das entidades repre-aentativas de escritores, inclusive com-strução juridica, em consonância com os estatutos da UBE-São Paulo, artigo 3º:

3º: Sugerir a criação de uma comissão ampla que prossiga os estudos sobre o direito autoral, com debates regionais, para fixação de uma posição nacional. CJ Organização do escritor.

Recomenda-se:

1) Exame do atual projeto de lei am tramitação no Congresso Nacional, regulamentando a professão de escritor, con realização de destates regionais sobre o assunto;

2) Incentivo à criação de entidades regionais, nos moldes de UBE-São Paulo, visando a formação de uma federação, sem excluir a eventual sindicalização autónoma;

tónoma;
31 Acesso do escritor aos baneficios
da assistência e previdência social;
4) Criação de canais atternativos para
a difusão literária, pelas entidades de es-critores e maximuracão de interas atterna-tivas para exposição e venda de livros.

Antônio Hohfeldt

Antonio Hontelat Cláudio Willer Lais Correa de Araújo Paulo Diíver Moacyr Scliar Walnice Nogueira Galvão

O DE ESCRITORES

### O Escritor e a Realidade Nacional

A Comissão designada pelo plenário des-te Congresso para encuminhar documento resulctorio sobre O Exeritor e a Realidade Nacional apresenta as seguintes conclu-

2) O escritor não pode ser dissociado da sua qualidade de cidadão. El e e sua obra são pare da realidade. Como ial, reflete na sua obra e na sua ação a diversidade social, política, psicológica, cultural, racial, enfim o pluratismo da vida humana em sua pleni-tude;

O escritor brasileiro deve organizar-se como categoria junto à organização de ou-tros segmentos da sociedade brasileira, na qualidade de um dos ativos construtores das liberdades sociais e individuais;

4) A massificação cultural a que estamos expostos cotidianamente exige do escritor a capacidade de:

a) manier uma atitude crítica permanen te, demunciando a desaculturação determi-nada pela exploração e dominação dos inte-resses do capital financeiro internacional;

b) estar alerta contra a violência existente nos contumes, impedindo a veiculação de preconceitos de raça, cor e seso e que sir-vam para a exploração do homem pelo ho-men;

Adolfo Mariano Costa
Alberto Ferreira
Alan Viggiano
Antônio Brasileiro
Carlos Emilio Correa Lima
Cuti Claui Silva)
Dilan Camargo
Djalma dos Santos Gomes
Eduardo de Oliveira
Moacyr Félix
Nailor George
Nicolau Sevcenko
Osvald Barroso
Renato Viana Soares
Salim Miguel

#### O Escritor e a Política Cultural

Toda passas sem a decrio de romar porte liremente su sido cultural da comunidade"
les de concessão de canais de rádio. Ty
convergemente su sido cultural da comunidade"
les de concessão de canais de rádio. Ty
coutros velculos de comunicação elerronos encontramos deste direito, no entanno e assumimos como objetivo. Por consequência, entendemos política cultural
não como a definição de conteidos, macomo um processo de organização da
cultura que propicie a vau mais sampa
democratização e seu pluralismo.

O compromisso do escritor com a sua
propria obra faz dele uma força critica
radical, que, entresamo, são e efeirio a interesse pervados, partidarios
religiosos;

Solo estimulo fiscal e financeiro a
mergência de movos nucleos de producada da cultura. Por isto, as condições
instituccionas da cultura, que dizem repeito a toda a comunidade, são essensituituração da sua obra. O excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

Neste sentido, as demandas do excritor
e, pois, solitario e solidario.

1) A como diference cambio

Alberto Dines Dinorah du Valle Flásio Moreira da Costa Frederico Pernambucano de Mello Moniz Bandeira Paulo Cavalcante Paulo Cavalcante Roberto Schwarz

#### Carta de Principios do Escritor Brasileiro

Os escritores brasileiros, reunidos em São
Paulo, no Congresse de 1985, convocado
pela União Brasileira dos Escritores,
comprometem-sa 2:

1) Defender as libertades democráticas e
a mantiestação do pensamente em 10das 25
suas formas, sem preconceitos de classe,
sexo, ideológia, raça, cor, nacionalidade e
religida;
2) Participar ativamente do movimento nacional pela eleição de uma Assembleia Cosatituinte;
3 Participar ativamente do movimento nacional pela eleição de uma Assembleia Cosatituinte;
4 Participar ativamente do movimento nacional pela eleição de uma Assembleia Cosatituinte;
5 Paulo, 21 de april, dia de Titradestrias
5 Paulo, 21 de april, dia de Titradestrias
5 Paulo, 21 de april, dia de Titradestrias

sexo, ideologia, raça, cor, nacionalidade e religida;

2) Participar ativamente do movimento nacional pela eleição de uma Assembleia Constituinte.

3) Prapor o livre acesso a toda informação a respetio do cidadão que, a pretesto de constituinte conficialização de Estado, possa ser anotada, arquivada e utilizada por qualquer autoridade publica;

4) Propor a reforma da atual Lei do Direito Autoral:

São Paulo, 21 de abril, dia de Tiradentes

a respeito de cidadio que, a pretento de controle ou fiscalização de Estade, possa ser autoridade publica.

Al Prépar a reforma da stual Lei de Diretto Autoral;
S) Propor a alaberação de uma nova politica cultural, democrática e aberta, peta qual estado incentive e apéte a cração literala; arristica e cientifica e garanta a produção nacional acesso permanente aos meios de comunicação de massa;
S) Exigo re cumprimento dos preceitos tegais referentes à Educação, considerada as Ziraldo Alves Pinto

## 023: Almoçando na Manchete

ALMOÇANDO na Manchete. Folha de Londrina. Londrina, 29 nov. 1973.



### 024: Salim, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada

O Estado. Florianópolis, 12 dez. 1973.



#### 025: Na Trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes

STODIECK, Beto. Na Trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes. **O Estado.** Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.



#### 026: O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida

CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. **O Estado.** Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9



#### 027: Salim Miguel: Maktub - entrevista.

CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguel: Maktub. **O Estado.** Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9. Entrevista.



028: Os melhores contos brasileiros de 1973

OS MELHORES contos brasileiros de 1973. **DJ.** Porto Alegre, 29 out. 1974.



#### 029: Salim Miguel - Entrevista.

SALIM Miguel. Correio do Povo. Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista.

# Salim Miguel

OMO vai nessa literatura?

— Em matéria de produção é dificil predizer. Deve existir, é claro, gente pesquisando, escrevendo. Engavetando. Agora, se a pergunta se refere mais especificamente à publicação, não me parece que vá nada bem. Infelizmente.

— Quais os fatores que têm emperrado a divulgação de textos de autores catarinenses?

— Em primeiro lugar, a inexistência de publicações dedicadas às letras, de uma editora. Em segundo, a aparente falta de entrosamento. Os que escrevem estão dispersos, quando deveriam se congregar e lutar peda divulgação do que estão fazendo.

Acredita que os órgãos que tratam da problemática de nossas cultura têm e dinamismo necessário para canalizar as potencialidades da literatura jovem que tem surgido?

 Não. Não há uma dinâmica

— Não. Não há uma dinâmica nem uma programação em favor da cultura. Os órgãos que deveriam se preocupar com ela não sabem muito bem o que querem. Me parece que o fundamental é o apoio e o incentivo aos valores novos. Ninguém escreve para deixar na gavela. E para que se possa aquilatar do valor de uma obra, para que o próprio autor possa senti-la melhor, há necessidade de que o trabalho chegue ao leitor, ao crítico, seja discutido e anime o jovem a produzir mais.

— A quase total ausência de. Editoras que teriam a coragem de editarem autores jovens seria um dos fatores questionados na pergunta número 2?

As editoras, desde sempre, têm receio do autor jovem. E do novo. No nosso caso o problema se torna ainda mais aguado porque até autores conhecidos — sálvo raras exceções — encontram dificuldade em serem editados. O que é preciso, então, é uma atitude mais agressiva por parte dos jovens, que eles lutem por órgãos seus, por pequenas editoras em forma de cooperativa que lhes publiquem es trabalhos, mostrando que os mesmos têm aceitação (e valor até que as editoras estabelecidas e bem postas na vida se interessem por eles.

— A Universidade para o De-

— A Universidade para o Desenvolvimente de Estade de Sanfa Catarina criou uma Editora com o objetivo de divulgar ebras de autores de nossa terra Ela tem cumprido com suas finalidades?

— O esforço da UDESC é vádo — mas restrito. Isto en tioportunidade de dizer ao ruo (reitor), quando se pensou lectiora. É válido, porque pulla alguma coisa. É restrito craus um livro é feito para ser instado, comercializado, colocado em livrarias e bancas. Não tendo um esquema de distribuição, a UDESC se limita a dar seus livros aos interessados (bom mas insuficiente), deixálos numa ou noutra livraria, mandá-los para outras universidades. E ao autor interessa muito ver seu livro procurado, comprado um por um, não em bloco por organismos ou empresas que os deixam empacotados em porões. Ou será que o esquema é outro Então, ótimo — e fica o dito por não dito.

— O chamado "boom" literário brasileiro que teria ocorrido em 75 em nosso país, teria con seguido irradiar seu sopro novo sua inquietude, para Santa Catarina?

O chamado "boom" não é tão "boom" assim. De qualquer maneira já é, não se pode ne gar, uma abertura. Mais atra de suplementos literários ( voltaram depois de uma longa hibernação), de semanários (como Movimento) que dão espaço à literatura dos novos, e de re-vistas como Escrita, Versus, Anima, Ficção, que abriram um mercado bom para o autor, mais especialmente o novo. E novos xistiram. Alguns prosseguem so realizam; outros vegetam, a espera do quê; e há os que se estiolam por falta de estimulo. Santa Catarina tem vez neste mercado, porém teria mais se congregasse novos, menos nocongregasse novos, menos no-vos e velhos, alguns jornais, as universidades, e a própria Im-prensa Oficial (que durante 10 anos apoiou o Grupo SUL e onde hoje se encontra como diretor um Flávio José Cardozo) possibilitasse o surgimento de páginas literárias, de um órgão dedicado à divulgação cultural e de uma pequena editora.

— Acredita que exista alguma fórmula para vencermos o ilhamento em que vivem nossos autores, o que impede não só a ocorrência de fecundos contatos, como gera uma verdadeira separação entre as diversas cidades do Estado — para não falarmos de oposição — como Florianópolis, Blumenau, Joinville, Laies e outras?

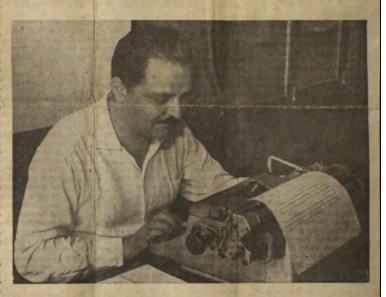
— Vencer o ilhamento depende principalmente dos jovens, do esforço que eles façam. Quanto ao arquipélago que é Santa Catarina, já não o é tanto assim. E o congraçamento dos diversos elementos, nas diferentes regiões, se resolveria com um bom trabalho, com publicação(ções) que verdadeiramente viessem dar oportunidade a todos. Quanto às oposições entre Florianópolis, Joinville, Blume nau, Lajes e outras, elas até me parecem benéficas e Instigantes, no sentido de uma emulação que viria dar mais vitalidade e incentivo a todos.

— Na sua opinião, quais as obras de ficção (conto, poesia, romance) que surgiram nos últimos anos em nosso Estado e que merecem lembrança?

— Deixando de lado o que foi feito pelo Grupo SUL alé fins da década de 50, penso que alguna trabalhos podem ser arrolados. Citaria as obras de um Ricardo L. Hoffmann, Miro Morais, Flávio José Cardozo. Emanuel Medeiros Vieira, Holdemar Menezes, Paulo Costa Ramos, Jair Hamms, C. Ronald, Lindolf Bell, Osmar Pizani, Péricles Prade, Alcides Buss, Rodrigo de Haro, Almiro C. Andrada — para me limitar aos que tiveram a chance de publicar en livro. E que conheço. Terei esquecido alguém? Ou de alguém não tenho conhecimento?

— Cogita-se da criação do Instituto Catarinense do Livro; mas a respeito de sua eventual estrutura e regulamentação pouco se sabe. Desconhece-se, por exemplo, se o mesmo estará afeto à Secretaria de Educação do Estado ou à Secretaria de Governo ou mesmo se editará apenmos livros didáticos, esquecendo-se das obras de ficção. O que 
você acha da criação desse órgão e o que ele poderá fazer 
independentemente de conotacões politicas, pela publicação e 
divulgação de nossos autores?

— Poderá fazer muito... ou nada. A vinculação a esta ou âquela Secretaria não me parece importante. O Instituto, a exemplo do que já existe no Rio Grande do Sul, poderá ter uma função catalisadora. Precisamos: primeiro, que sais logo; segundo, saber qual a sua estrutura e regulamentação; terceiro, o eritério a ser adotado na escolha dos originais; quarto, que tenha uma abertura, vendo antes de tudo a qualidade e significado dos originais a ele submetidos. Mas também aqui é bom não se esqueer o fator distribuição — que não penso este ja bem resolvido no caso do Rio Grande do Sul. Outro aspecto: o órgão terá uma programação anual abrindo espaço para obras de fieção vanguardistas, permitindo que os novos dêem seus recados; e setorial, atendendo as várias faixas de interesse cultural? Ou injunções outras o tornarão logo num organismo burocratizado e anquilozado de nascença?



Salim Miguel, nascido em 1924, criou-se no interior de Santa Catarina, em zonas de colonização, alemã e açoriana; esta última, a que se soma a sua condição de libano-biguaçuense, tem profunda influência na sua formação e fazer literário. Autodidata, sempre leu muito e tumultuadamente. De tudo. Em 1943 muda-se para Florianópolis. Alí, com outros jovens, criam (1948) um movimento literario que ficou conhecido como Grupo SUI. — revista, editora, teatro, artes plásticas, clube de cinema, cinema. Publicou: Velhice (e outros contes); Alguma Gente (contos); Rede (romance); Contistas novos de Santa Catarina (coeditoria com Osvaldo Ferreira de Melo ruho); A Ponte (prosa e verso) de Antonio Paladino, organização, seleção, introdução; Centenário de Cruz e Souza: Interpretações (introdução e coordenação); O Primeiro Gosto (contos). Em ci-

nema, além de dirigir alguns documentários, participou do primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina, O Preço da Ilusão, escrevendo o argumento com Eglê Malheiros e colaborando no roteiro. Já no Rio, juntamente com Marcos Farias e Eglê Malheiros, adaptou para o cinema A Cartomante, de Machado de Assis, e Fogo Morto, de José Lins do Rego. Tem para publicação A Morte do Tenente e Outras Mortes, contos, onde as histórias, embora possam ser lidas independentemente, se interligam e fundem, personagens e situações indo e vindem, personagens e situações indo e vindem prontos um romance e uma peça teatral. Residindo no Rio, é redator da Agência Nacional, redator-chefe da revista Tendência (Bloch Editores) e um dos editores da revista de contos Ficção. — E. M. V.

# 030: Um ano de ficção: o escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto

FRIAS, Lena. Um ano de Ficção: O escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto. [s.l.].

### UM ANO DE FICÇÃO

# O escritor brasileiro lançado, relançado, revelado, descoberto

Lena Frias

onze anos aparecia um titulo novo nas bancas de jornal — Ficção, Histórias para e Prazer da especializado na publicação de contos. Com ele apare-ciam para : literatura os ainda desconhecidos João António e Ariovaldo Matos. Presente também Jorge Amado, apresentando pitulo do seu então inedto Dona Flor e Seus Dols Maridos. Surgida em setembro de 1965, Ficção tirou ape-nas mais um número, e, em outubro, lançava outro jovem escritor jovem escritor — André Figueiredo. Ao todo, 28 histórias publicadas, seis de autores estrangeiros.

A 29 de dezembro do ano passado, um novo titulo nas bancas de jornais: Ficção, Histórias para o Prazer da Letura. Editores: Cicero Sandroni, Laura Constancia Sandroni, Eglê Malheiros, Salim Miguel e Fausto Cunha. Desde o número 1, nomes conheci-dos da literatura brasileira: Marques Rebelo, Autran Dourado, Macedo Miranda, André de Figueiredo, Caio Porfirio Carneiro, Tania Jamardo Faillace. E relançava um jovem escritor premiado, mas nem por isso suficientemente reconhecido pelo público: Juarez Barroso.

Neste primeiro ano de vida, Ficção publicou 120 escritores brasileiros vivos, sem repetição de qualquer dos nomes. Mais 30 autores estrangeiros, alguns classicos. "Neste número 12 — explica Salim Miguel — abrimos uma exceção e estamos reprisando os nomes (não os contos) de três autores que Ficção ajudou a fixar junto ao público Wander Piroll, Domingos Pellegrini Júnior e o uruguaio-argentino Eduardo Galeano".

Lançamentos, Ficção responde por muitos, em par-ticular através do Concurso Permanente de (os editores recebem, em média, de 70 a 80 textos concorrentes por mês). O concurso, apresentado no número 1, já no número 3 oferecia ao vencedor prêmio da publicação: apadin, Maria Olimpia Papadin, Maria Olimpia Alves de Melo. João Silvério Trevisan, premiado com Interlúdio em San Vicente, publicado em junho, teve, logo em seguida, o seu livro de estreia, Testamento de Jónatas a David pu-blicado pela Brasiliense. São 11 contistas revelados a partir do concurso.

Conto publicado é conto pago, disso os editores de Ficção fazem questão fe-chada. Não são poucos escritores que, pela primeira vez, receberam pagamento pela sua produção artistica. Muitos deles espantados com o comportamento da editora, que insiste em pagar até mesmo quando eles não parecem fazer questão de receber. "Muita gente manda trabalhos apenas para a gente ler, avaliar, emitir uma opi-nião. Sentimos — enfatiza Salim Miguel - que o nosso trabalho abriu uma janela, um respiradouro para o autor nacional". A revis-ta está em ascensão, com o mercado aberto, receptivo, a procura crescendo. atingir a todos os mercados, de todas as faixas de idade. Por enquanto, somos mais lidos pelos jovens. pelos universitàrios. As bancas junto a universidades esgotam imediatamente os exemplares". Outros bons pontos de venda são os aeroportos e terminais rodoviários.

Os editores tem seus problemas: a distribuição de revista, ainda insatisfatória. E a falta de capital de giro que lhes permita aumentar de 15 mil, para 40, 50 mil a tiragem da revista, levando-as assim a todos os pontos do pais. Mas
o nosso grande e atual
problema — diz Laura
Constancia Sandroni — é
que os editores não podem
dedicar à revista seu tempo
integral. Todos nós trabalhamos, por isso o tempo
que dedicamos à Ficção são
as nossas horas de lazer.

Eles gostariam de reuntr em livro os números já editados e estudam a possibilidad: de fazê-lo. Para o ano de 1977, alem da publicação mensal, regular três outros lançamentos: Ficção Humor, coordenada pela equipe toda; Ficção Policial, sob a coordenação de Mário Pontes; e Ficção Cientifica, coordenação de Fausto Cunha. "Achamos que conseguimos abrit mercado também para um outro tipo de artista: o pessoal do cartum. Augusto Rodrigues voltou cartum com Ticção, e muita gente que aplicava sua tecnica e talento apenas na reprodução de material alhe.o, em revistas em quadrinhos de origem estrangeira, para ganhar a vida, encontrou na nossa revista oportunidade e espaço padesenvolvimento de sua arte. Tudo isso é muito estimulante", diz Eglê Malheiros.

#### 031: Salim Miguel - Coluna Livro & Cultura

JUNKES, Lauro. Salim Miguel -1. **[Jornal - ...].** Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura – 7.

# Livros & Cultura-7

### Salim Miguel-1

Libanês-catarinense-carloca, Salim Miguel nasceu em 1924. Passon a maior parte de sua vida em Santa Catarina, crescendo nas regiões de colonização alemã e açoriana. Biguaçu marcou uma formação humana e retorna constantemente em sua obra literária.

A partir de 1943 passou e residir em Florianópolis, onde liderou, juntamente com Aníbal Nunes Pires, um movimento cultural de ampla repercussão — o Circ\_lo de Arte Modrna, conhecido como Grupo Sul — que teve por objetivo arejar com a renovação do modernismo nosso ambiente artistico-cultural, abrangendo as areas de teatro, cinema, artes plásticas e literatura, através de exposições, debates, encenações, clube de cinema ecição da Revisa Sul (que chegou ao n. 30) e edição de vários livros de autores nossos.

Nessa época Salim publicou seus dois primeiros livros de contos: VE-LHICE E OUTROS CONTOS (1951) e ALGUMA GENTE (1953) e o romance REDE (1955), todos pelas Edições Sul, de Florianópolis. Organizou também para a mesma editora: CONTISTAS NOVOS DE SANTA CATARINA (antologia) e A PONTE, reunindo a obra de Antônio Paladino. Participou, ainda, como contista ou organizedor, de outras antologias.

Em 1965 transferi-se para o Rio de Janeiro, onde reside até hoje e desenvolve o jo nalismo, como redator da Agência Nacional, radator-chefe da revista TENDÉNCIA e um dos editores de FICÇAO. Publicou, ainda, dois volumes de contos: O PRIMEIRO GOSTO '(Iñi, Movimento 1973) e A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES (Ed. Antares, 1978).
Ligado ao cinema, dirigiu alguns decumento interesidade e de contos de la contra del contra de la contra

Ligado ao cinema, dirigiu alguns documentarios e escreveu, com Eglé Mulheiros, o argumento e o roteiro do primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina: O PREÇO DA ILUSAO. Também em parceria com Eglé, adaptou ao cinema: A CARTO-MANTE (conto de Machado de Assis, filme dirigido por Marcos Faria) e FOGO MORTO (romance de José Lina do Rego, filme dirigido por Marcos Faria).

#### VELHICE E OUTROS CONTOS

Esse é o livro de estréia de Salim, publicado em 1951 pelas Edições Sul. O livro enfeixa oito contos, relativamente longos, pois oito contos preenchem mais de cem páginas de tamanho grande e letra miúda. Salim Miguel revela, desde logo, seu talento de escritor. Se em alguns contos há uma certa dispersividade na
ação, quando o conto deve concentrar-se numa só célula dramática, em
outros isso não acontece e a narrativa prende vivamente a atenção, mesmo quando o assunto é mais reflexivo
do que vivas. Predominam as narrações em primeira pessoa, o que é normal no que se inicia na arte literária
(embora escritores maduros façam o
mesmol).

Nos dois primeiros contos aflora a problemática da criação literária. "carnaval: Casos de Espiridião" desde o título revela falta de unida um companheiro extrevertido mostra a um intelectual - um pacato "solteirão, que ama a calma" — o car-naval florianopolitano, por dentro, evidenciando-se nesse as "lídimas representações de nosso ego n.ais intimo" (18). Envolvidos pela movimentação, a multidão os carrega consigo e o companheiro pede que o escritor tudo descreva. Refugiados da multidão em um bar, como que por acréscimo, conhecem-se os "casos" de Es piridião Facada, que vivia pedindo dirheiro "emprestado". Comentando a diversidade de "tipos", observa o narrator que aqui no carnaval "os personagens é que saem dos livros para a vida, criados por um novelista louco, não a vida é que os fornece, não os livros vão colher os personagens à vida, como é de praxe..." (p. 14).

A seguir vem a interessante narrativa "Alvina, Essa Minha Noiva", narrada em primeira pessoa por S.M., num on'tus nos arredores de Florianópolis. A Narrativa passa-se em dois planos que, no final se misturam: o real e o imaginário - e levanta-se o problema para a criação literária: "o que é verdadeiro?" O primeiro plano, narrado em 1a. pessoa, como observador, traz o presente real, vivido pelo narrador: dentro de um ônibus escuta es diálogos entre a "Mulherzinha do ônibus x Aprendiz le medicina"; no segundo plano, expresso através de xonisciência limitada a João. entremeia-se o plano imaginário do narrador: "o caso João x Alvina, essa nanha noiva", deliciosamente popular: João, já entrado em idade sem ter encontrado mulher, finalmente encontra "Alvina, essa minha noiva" prepara-se para casar. Muito astuciosa e interessante é a montagem do conto, em dois planos entremeados. Afinal, como e o que é a criação literária? (continua)

LAURO JUNKES

#### 032: Jornalismo e literatura (principalmente) hoje na UFSC

JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. A Gazeta. [Florianópolis], 08 jun. 1979.



hoje participam do "Encontro sobre Jornalismo e Literatura", juntamente com Salim Miguel e o contista Flávio José Cardozo,

A sessão de debates com estudana tes, professores, jornalistas e escritores está marcada para às dez horas, no prédio do Centro de Convivência, no "cam pus" da Universidade. A promeção é da Coordenadoria do Curso de Jornalismo da UFSC, com o patrocinio da Secretaria de Comunicação Social, e colabora ção da Assembléla Legislativa e Sindicate dos Jornalistas.

As 20,30 horas, os quatro escritores participam de lançamente conjunto de obras recentemente editadas. A Noite de Autógrafos será na Assembléia Legislativa, com a presença de autoridades.

O jornalista Hélio Pólvora foi du rante vários anos editorialista do Jornal do Brasil, enquanto Guido Wilmar Sassi é considerado pela crítica especialzada um dos mais destacados contistas nacionais. O jornalista Salim Miguel, também contista, trabalhou como Redator Chefe da Revista Tendência e Manchete. Atualmente é o Diretor da Sucursal da Agência Nacional. O cronista Flávio Cardozo dirige a Imprensa Oficial do Estado e colabora no Jornas da Semana.

Salim Miguel (foto) vai autografar o seu último livro, "A morte do tenente e outras mortes", considerado pria critica nacional como o seu melhor trabalho. O volume contem 11 contos, As estórias se desenrolam como quase todas as sagas contadas por esse grandescritor catarinense, no chão de lefância do autor, a cidade de Biguaçu, enriquecida pelo forte poder de criação de SM. A morte do Tenente é um livro que revela a dimensão atual desse autor e tarinence que depois de longo pe fodo vi vido no Rio de Janeiro, volta ao seu es tado natal definitivamente, para continuar aqui uma des correiras lite árias ais brilhantes do país.

#### 033: Salim Miguel - Personagem

SALIM Miguel. Jornal da Semana. (s.l.), 10 jun. 1979. Personagem.



#### 034: Informação geral

[INFORMAÇÃO geral]. **O Estado.** Florianópolis, 13 jun.1979.

A volta de Salim Miguel para Florianópolis, onde pretende se estabelecer definitivamente a fim de escrever, representa um novo estímulo à literatura catarinense. Salim Miguel não admite que permaneçam guardados os textos escritos com talento. Fazendo o possível - e geralmente o impossível - consegue que os bons originais se transformem em letras de forma e sejam editados, numa paixão incorrigível (e bendita) pela literatura que, em Santa Catarina, teve nele um dos seus grandes incentivadores de todos os tempos. É mais que provável que, com suavolta, a boa literatura também volte a Santa Catarina.

#### 035: Salim e a nossa Biguaçú

SALIM e a nossa Biguaçú. Jornal de Santa Catarina. Florianópolis, 14 jun. 1979, pag. 13.

# Salim e a nossa Biguaçu

De retorno marcado em definitivo à Santa Catarina, o escritor Salim Miguel, o que por si só, representa uma grande força para a literatura catarinense, que ultimamente, tem revelado uma nova geração de escritores. Para ele, o importante é que sejam divulgados de todas as formas, os novos talentos que têm surgido em abundância. Salim está adquirindo uma residência na Capital, onde passará a residir já a partir do mês que vem.

Que seja bem vindo. Bem que já está por aqui trabalhando e muito para alegria maior da família e dos amigos.

Aliás, teremos que marcar o lançamento de um dos seus livros em Biguaçú pois em vários obras referiu-se à nossa (minha e dele) cidade..!

#### 036: Literaturas Estaduais

MARTINS, Wilson. Literaturas Estaduais. **Jornal do Brasil.** Rio de janeiro, 10 nov. 1979, pag. 11, caderno B.

### LITERATURAS ESTADUAIS

contingência inevitável dos escritores brasileiros nascerem em algum Estado: quanto a saber se ha, de fato, literaturas estaduais, é problema diferente, a ser respondido pela negativa. Ha Estados de "fraca tradição literaria", como escreve Nereu Correia a propósito do seu, no prefacio ao livro de Celestino Sachet, A Literatura de Santa Catarina (Florianopolis, Lunardelli, 1979), o que não impediu o apareci-mento de Luis Delfino e Cruz e Sousa, no passado, além de Salim Miguel, Guido Wilmar Sassi, Flávio José Cardoso, Ricardo Hoffmann e Lindolfo Bell na atualidade, ainda que se possa legitimamente questionar a "catarinidade" de Afonso Taunay e Egon Schaden (como, alias, a de Cruz e Sousa e Luís Delfino, para nada dizer desse autor ao mesmo tempo supe restimado e injustiçado que é Virgilio Várzea)

Tanto Celestino Sachet quanto os que o precederam nos levantamentos da literatura em Santa Catarina demonstraram, precisamente, que ela não existe enquanto atividade específica e local, o que todos compensam pelo recenseamento generoso e indiscriminado de nomes e títulos que, no caso de um deles, chega a incluir obras psicografadas. Pode-se pensar, contudo, diante dos escritores acima referidos, que não escasseiam em Santa Catarina, tanto quanto pensa Nereu Correia, "os valores com projeção nacional", nisso consistindo, como se sabe, o paradoxo autodestruidor das letras estaduais: só têm existência literária na medida em que superam as limitações de origem, da mesma forma por que, insistindo em afirmar-se como estaduais, correm o risco muito frequente de apenas caracterizarem-se como provincianas. Identificando a literatura "de Blume-nau", "de Joinville", "de Brusque", Celestino Sachet prova, sem querer, o absurdo das classificações geográficas ou administrativas, assim como, pelas subdivisões incongruentes e heterogêneas ("As Primeiras Manifestações", Romantismo", "O Grupo Sul", "A Literatura da Gente Nova", etc.), nega a qualidade didática que o volume confessadamente desejava ter, enquanto obra de consulta para professores e estudantes e manual para as aulas de nível médio e superior.

Sendo um consciencioso e fatigante arrolamento de escritores e escribas, de autores sem livros e de jornalistas de fama local, este volume terá, de fato, escassos méritos didáticos e alguns defeitos antididáticos, seja na estrutura incoerente, seja por propor como literatura de inleresse pedagógico, vasto material que começa por não ler interesse literario, seja, enfim, pela natureza puramente informativa e sumária do texto. Pode-se pensar que o livro ganharia se a sua organização interna respondesse a uma ideia central e organica (mesmo que, no caso, fosse a mais singelamente cronológica) e se uma consciência mais nitida dos valores permitisse distinguir a escala de qualidade pela qual, afinal de contas, a literatura se identifica como tal. Não ha historia literaria sem espirito crítico, implicito ou explicito, e o espirito crítico é um exercicio de estereografia: é ele que nos permite compreender em que consiste, por exemplo, para além das comoventes vicissitudes biograficas, a superioridade de Cruz e Sousa como poeta.

Não há história literária sem espícito crítica, implicito ou explícito; é ele que nos permite compreender, por exemplo, para além dos comoventes vicissitudes biográficas, a superioridade de Cruz e Sousa como poeta

Se Santa Catarina se destaca ou deixa de se destacar pela "fraca tradição literária", a Bahia, ao contrário, conta entre as mais ilustres das nossas provincias - mas, justamente: só foram ou são grandes escritores baianos os que ascenderam a condição de grandes escritores brasileiros, desautorizando, por definição. desde logo, a ideia de uma literatura baiana. Numa coletánea de excelentes páginas críticas (Camões Contestador e Outros Ensaios. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979), João Carlos Teixeira Gomes enfrenta a questão e, como seria de esperar de um analista lúcido, manifesta alguma dúvida sobre a existência de "características próprias", sobre a ocorrência do sistema literário que seria indispensavel para configurá-la. Os seus "Apontamentos sobre a evolução da literatura

baiana" são apenas isso e não revelam a organicidade e a estrutura crítica que certamente terá ou que, pelo menos, seria desejavel que tivesse, a futura história de que é apenas o esboço ou o roleiro.

A presunção autoriza-se pelo capítulo em que estuda a fortuna do Movimento Modernista na Bahia (p. 165 e s.). Observe-se, de passagem, que a revolução estética de 1922 encontrou as mesmas resistências e as mesmas discronias em todos os Estados, sendo engano de perspectiva imaginar que "se afirmava devastadoramente" no resto do país (p. 169) enquanto o espírito retrógrado e conservador lhe opunha em terras baianas a hostilidade mais obstinada. É só a partir de 1924, com o discurso de Graça Aranha na Academia, que o Modernismo paulista, até então confinado na cidade natal e completamente ignorado no resto do pais, adquire a condição de fato nacional confirmando, mais uma vez, a lei antiestadualista que condiciona a literatura brasileira Mesmo assim, o Modernismo, até a década de 1930, foi excentricidade de grupos jovens. esparsos e pouco numerosos, nos diversos Estados: como sempre acontece, ele só se tornou a literatura dominante quando ja não era mais literatura revolucionária, e quando começava sutilmente a desfazer-se com o deslocamento do eixo literário de São Paulo para o Rio, da gratuidade estética para o compromisso social e político e do urbanismo paulista para o ruralismo nordestino. É muito significativo, escreve João Carlos Teixeira Gomes, "que o Modernismo tenha sido implantado na Bahia sob o comando de um conservador que, no fundo, tinha grandes dificuldades em compreender os verdadeiros objetivos da revolução em marcha", dela cultivando "uma visão enganosa e epidérmica": o mesmo Carlos Chiacchio cuja obra critica comentei ha poucas semanas, em julgamento que tenho o prazer de ver confirmado neste volume.

Que o livro termine com um capitulo sobre 
"A deserção da inteligência". é, talvez, mais do 
que simples acaso tipográfico. Nele, João Carlos Teixeira Gomes condena, e com razão, por 
um lado, os exercícios de "arqueologia literăria" que por algum tempo desencavaram supostos gênios que a critica teria tenebrosamente abafado, e, por outro lado, a "subserviência 
intelectual típica de culturas secundárias e 
subdesenvolvidas" que, nestes últimos anos, 
esvaziou de toda autenticidade o nosso pensamento critico.

#### 037: Miguel Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu"

MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". **Correio do Povo.** Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag. 49.

# Salim Miguel: "Sinto-me quase uma peça de museu

Salim Miguel, que é conhecido pelos amigos como "O Tur-co" gracas a aus orgem iloa-mess, mais do que um chtari-nense do litoral, passaria tran-quilamente por mineiro tal a sua bonomia no enfrentar os problemas coudianos, e a coragem com que, durante um bom tempo, primeiro sustentou a re "Sul", com um grupo de companheiros, e mais recentemente, com outro grupo, manteve "Ficção". É justamente so-bre a primeira, "Sul", que hoque hobre a primeira. le em dia ganha gradativamencomo um dos mais importantes movimentos regionais de arie, que Salim Miguel come conversando conosco

"Faz exalamente trinta e um anos que tudo começou, pois a revista nasceu em 1948 — tirou trinta números e vinte edições de livros, lançando escritores como Guido Wilmar Sassi. E ale Malheiros, Silveira de Sousa, eu proprio, com o meu primeiro livro. "Veihice e outros

ontos".

Olhando para tras, embora sem magoa, Salim confessa ter por vezes um sentimento de ve-

En me sinte um pouco veino porque, de repente, desco-briram em Florianopolis a importância do nosso trabalho, que nosso grupo fez o primei-ro trabelho sério no estado barriga-verde, e isso faz a gente holar que o tempo andou pas sando, e, sobretudo, que aquilo pelo que se anda brigando hoje em dia já andamos fazendo nos anos 50. A história voltou para tras, neste sentido, e eu me sinto quase uma peça de museu. Ainda na semana passada, uma jovem me telefonou, porque està fazendo tese de mestrado sobre nosso movimento, me pediu informações, como eu me dissesse velho, ela me pediu que só não morresse, antes que ela me encontrasse, para ter os dados de que pre-

cisava. Quer diser, é uma sutêntica conversa surrealista, mas que bem dis de nossa realidade.

"Hoje, feliamente, as colsas voltaram a se modificar em Santa Catarina, depois de um periodo de pelo menos quinze anos de monotoma atroz, que todos nos sabemos ao que se deve. A criação da Fundação Cultural, a renovação da Universidade, permitem-nos debates tanto na capital quanco no interior, fazendo com que tenha a oportunidade de encontrar as pessoas, até mesmo em-presários, discutindo a impor-táncia do problema cultural. O contudo. problema major, que a gente se encontra com as pessoas, mus elas não nos leram ainda, porque os livros encontram dificuldades para circular, então, estamos gradativamente optando pela ve-lha história de irmos fazer de-bates levando os livros debalxo do braço, o que, pelo menos, garante que possamos convermais consequentemente. Ou então, enviarmos livros com antecedência, para que as pessoas nos leiam, e possamos real-mente discutir o nosso trabalho, nos colocar em xeque. se for o caso

#### MODIFICAÇÕES

De qualquer forma, Salim aponta uma diferença báxica,
que é a receptividade dos lancamentos livreiros, pols, segundo ele. enquanto, há alguns anos atras, sessões de autograios não conseguiam colocar
mais do que meia dúxia de livros, hoje já se alcançam em
torno de duzentos exemplares
vendidos por sessão, o que não
é grande colsa, mas que, se
relativizado com o panorama
rasileiro, não é de desasperar
ninguém:

"Note-se que no Grupo Sul nós tivemos uma editora, uma revista, um cine-clube, chegando a produzir o primeiro



fime de longa-metragem do Estado de Santa Catarina, realizávamos grandes ciclos de debates... o que se buscava naquele tempo era a fixação do peesoal da Ilha, e a transposição da realidade dos mais variados aspectos do Estado, em termos de ficção. Veja que o Guido foi o primeiro a falar do Oeste catarinense, com as queimadas, as enchentes. a exploração da madeira, o episodio do Contestado, que serviu para o filme do Sílvio Back... Depois, a partir de 80, não se fez mais nada na Ilha, a agora, felizmente, se retornou a uma intensa atividade".

#### BIGUAÇU, UM MICROCOSMO

Embora tendo alguma dificuidade pera felar em público, Salim não se tem negado a
comparecer, com seus companheiros, aos debates que se
tem organizado, e inclusive
tem provocado vários deles,
pois acredita plamente em aua
importância para o atual momento brasileiro. Contudo, isso não o tem afastado de sua
literatura, que ele proprio re-

conhece ser "basicamente me-morialista, já que toda a mi-nha obra parte de colsas vivides ou percebidas através dos outros. Se Faulkner inventou outro. Se para a sua ficção, preferi adaptar uma que já co-nhecia, Biguaçu, a meus inte-resses. Era uma cidadezinha escassamente povoada, bem sei, como costumam dizer, melhor maneira de a gente falar do mundo, é falar da nos-sa aldeia, e é isso que estou tentando fazer. Na verdade, ecredito que o escritor tem uma luta constante para dominar a palavra, e só não sei se é me-lhor vencê-la ou deixà-la em estado bruto, já que talvez assim ela fosse capaz de dizer mais do que nos conseguimos. Por isso tenho optado pelos blocos maciços de texto, que se ligam diretamente a uma experiência de vida minha, emte, que é a figura do Ti'Adão, a que me refiro constantemen te, e de quem ouvi muitas his-tórias. Ti'Adão era assim, évolula na história, voltava pra trás, enrolava-se, engrolava as coisas, misturava os temas, não chance da gente interferir, falava três horas corridas, mas com ele aprendi muita coi-

Uma modificação já é clara neste novo livro de Salim
Miguel, "A Morte do Tenente
e outras mortes", que ele velo
autografar aqui na semana
passada: gradativamente o
texto se abre, os blocos permitem maiores diálogos, um
respiro mais amplo do leitor,
o espanto menor, a maior posabilidade de que mesmo aquele individuo não acostumado a
enfrentar o macigo texto literádio, se sinta envolvido pela
aventura que Salim propõe:

"Este volume foi escrito entre inicio de 1977 e inicio de 1978, portanto com grande unidade, salvo dois contos, que são de época anterior, "Gina boa" e 'Galo, gato, atog",

#### 038: Salim Miguel: "A morte do tenente e outras mortes

JUNKES, Lauro. Salim Miguel: "A morte do tenente e outras mortes". **JSC.** Florianópolis, 20 e 21 maio 1979, pag. 22.

# Salim Miguel: "A Morte do Tenente e outras Mortes"

por Lauro Junkes

Salim Miguel è um libanèsbrasileiro que ocupa um lugar di
destaque nas letras catarinenses
e, porque não, vem conquistando seu lugar no panorama nacional Nascido no Libano em
1924, criou-se no interior catarinense, ao comtato com as
colonizações alemã e açoriana
De 1946 a 1965 viveu em Florianôpolis, época em que interior
rianôpolis, época em que interior
sificou sea atividade literária
sificou sea atividade literária
sificou sea atividade literária
soriu o de la lugar de la como um dos lideres lao lado de
Anibal Núnes Pires) do Grupo
Sul, do Cifucio de Arte Moderna
que tardiamente embora, se empenhou na implantaão do modemismo em nosso EstadoSalim foi dos mais ativos elementos do grupo, não só particpando das reuniões e discussões,
da organização e incentivo, mas
também produzindo sua materia
literária As Edições Sul lançaram
três livros seus: VELHICE
GUMA SENTE (1953), ambos de
contos - O PRIMEIRO GOSTO
Neste 1979 está de volta a
Florianôpelis, participando,
como jornalista que sempre foi,
col JORNAL DA SEMANA E
também acaba de publicar um
quanto volume de contos: A
MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES, pelas Edições
Antares, em convêmio como INL

Este novo volume de contos revele um autor maduro, senhor de uma técnica narrativa segura, que aprimora e inova a cada narrativa Este é, creio, o ponto fundamental a destacar no seu último conjunto de contos: a habilidade narrativa, a preocupação constante com a forma, cuja perfejcão e mais valorizada a cada releitor de seus textos denses a vibración.

Embora constando de conto diversificados, o volume apre senta uma grande unidade / pequena cidade e região d pequena cidade e região d Biguaçu, constitui o elo unificador Todas as naraativas con duzem à caracterização dess comunidade "mítica e real" Real, porque existe de fato e poi que ela é apresentada so que a caracteristaca com a quai o autor a conheceu, pe quena, pobre abudesenvolvida de ambiência atrasada, simples popular Mitica, porque os con tos the conferem um importância histórico-social acima do teal mas sobretudo porque ela ehcar na todo um mistismo popular porque é habitada por personderson negro curandeiro TirAdão, presente em todos os contos deste volume, objeto de um conto especial de volume anterior que figuar, na integra, no romance REDE, o excêntitrico colecionador de gravata-bortodeta, as estranhas irmãs velinhas, etc. A pequena comunidade de Biguaçu, apresentando em destaque sempre os mesmos habitantes caracterie. Los es orgos TirAdão, o 28 Gringo da venda, o Lauro bareiro que figura. Tiradado en destaque sempre os mesmos habitantes caracterie.

se até a primitiva São Miguel, impõe-se cadavez com maior consistência através das várias narrativas

diversificada, embora tonalidade fundamental se apresente bas tante homogènea, acentuande um carater amergo, angustiante irônico ou ambiguo A morte e a velhice, ternas muito chegados o autor toda a sua obra, estas presentes nos contos: "o Gra motose", "OPSiliência Escuro" "As Oueridas Velhinhas". Dois contos revestem-se de erotismo e sensualidade em grau agudo. "A Aranha" e Gina-Boa" o que, aliás, não é comum no autor, mas aqui obteve um tratamento expepcional Orelismo da vida e a ambiencia estranha, contendo no fundo um denso potencial revolucionário, apresetam-se no vibrante esfoque dado a -11Um Bom Negócio" (título de profunda ironia) e na angustiante envoloviència de "Outubro, 1930". Destaque merocem ainda a cappação das cereças e superições populares em "O Ripresente do Diabo".

Cuanto de Gato, Gato, Atog'

Quanto à estruturação da:
narrativas e ao emprego de téc
nicas narrativas, constatamos
que o fluxo de consciência, o flui
livre e precipitado do pensamen
to, o moñologo interior ocupe
cada vez maior predileção de
autor A onisciência seletiva
fazendo fluir a mente das per
sonagens, fazendo a narrative
brotar conínua e a tropeladamen
te da consciência das personagens, materializando as sensações e os estados internos das
mesmas, impõe-se gradativamente na evlução da contística
de Salim Miguel Por vezes, essa
técnica de fluxo conínuo, mesmo
admitindo o diálogo interno,
resulta em transformar o conto
um grande bloco único, compacto e homogêneo E o caso de
'O Gramofose', 'Um Bom
Negócio'', ''O Presente do
'O Gramofose', ''Um Bom
Negócio'', ''O Presente do
Diabo'', ''Galo, Gato, Atong'' e a
melhor parte de ''Gina-Boa', em
que seu mundo interior de repente explode e jora em desabafo
ininterrupto, revelando a amliguidade de sus sensualidade

Em "Um Bom Negócio", a continuidade ininterrupta adensa gradativamente a angústia de protagonista, alatrando-se aleitor, até chegar ao climax da alucinação. O fuxo continuo de "O presente do Diabo" traz ao leitor, através da mente do protagonista, toda reconstituição do passado que provocara a cena presente Ainda em "Galo, Gato, Atog", o fluxo atopelado do depoimento une passado e presente, funde realidade e invenção, relaciona

Essa construção da narrativa como um único bloco, contínuo e compacto, parece marcar a última fase de Salim Miguel e contituir uma característica de estilo e de técnica narrativa que vem-se

impondo na sua narrativa E z tecnica não figura como simples artificio ornamental ou experimentalista a continuidade como pacta e densamuito contribu para a criação da atmosfera, de clima de angústia e expectiva para o desabafo atropelado de mundo interior das personagens, para conduzir o leitor a um estado de saturação.

Já outros nontos, com o"O Silêncio Escuro" e 11As Queridas Velhinhas", apresentam-se em vários blocos menores, variando as tecnicas de abordagem de cada bloco; a descrição por observador ou câmara, o depoimento pessoal, a noticia jornalistica, o dixirio, etc Essa multiplicidade de vides constitui tentativa de abordagem totalizannte, pela variação de enfoques

A limitação do narrador a confusão ou desorientação no foco narrativo constituem expedientes outros utilidade para carregar as



Salim Miguel

Em "O Gramofose", o narrador, defasado no tempo, limitado e desorientado, 80 anos após, une passado e presente memória e sensação, criando uma ambiência labiríntica em que envolve o leitor "A Aranha" ainda registrada o fluxo da sensação difusa, misto de medo angustiante e de atração misteriosa experimen.

tada pelo menino, objeto dos jogos eróticos da prima Também "Outubro, 1930" desenrolada-se de acordo coma visão limitada e desorientada do menino, envolvido no estranho e ameaçador universo dos adultos A inclusão de fragmentos de frase, de lances de informações, contribui pare caracterizar a desorientação do menino atinigido confusamen-

Muitas vezes è própiro registro de câmara cinematogática ou o registro dramático que formeem ao autor técnicas de captação direta de raciladde, apresentada comtos do volume anterior explorou muito mais a técnica da visão de câmer cinematográfica, influência de suas ligações com o cinema Mas, neste volume "Amanha" utiliza bem, captando dietamente o diálogo e descrevendo momentos de observação "O Escuro Silencio" s "As Queridas Velhinha" incluem, an multiplicidade de visões u de câmara cinematográfica Passagens de outros contos aisnda se caracterizam pelo limitado

Salo alguns aspectos que se salientam na leitura dos contos do volume em um preço Salientam na Miguel, que eu já conhecia bastante bem pelos seus livros anteriores, surpreendeu-se decisivamente com este novo contra en contra la comparta de la comparta del comparta de la contra del comparta del comparta de la contra del comparta del contra del contra del comparta del contra del

Salmi Miguel e um escritor consciente do offici de escrever Sua obra o revela constantemente E em entrevista ele o recconheceu explicitamente: "O que mais me atrai, como escritoe, é a pesquisa Sou um eterno insatiseito E muitto disto POR ISSO MESMO ACREDITO QUE DIFICILIMENTE DEIXAREI UMA OBRA ACABADA Alias, odeio o que se institula acabado Acabado é morto" No entanto, feizmente a obra contradiz a posição teórica A MORTE SouTRA MORTES inclui contos que "podem ser considerados acabados, maduros, terrática e formalmene perfeitos E não são mortos Pelo contrário, apresentam densa e vibrante vitalidade. Trazem go leitor uma face da vida, que sem divida o tocará sensivelment. O leitor que os elia, refeia e tresleia para então

#### 039: O círculo da memória

HOHFELDT, Antonio. O circulo da memória. Correio do Povo. [Porto Alegre], 15 dez. 1979, p.15.

Distante das curriolas literárias, no sentido de que as dispenso para mostrar seu valor,
mas extremamente bem informado de tudo o que se passa,
aqui e acolà, em torno da literatura, sendo inclusive um dos
editores da revista "Ficção"
especializada na narrativa curta,
Salim Miguel, hoje em dia residindo novamente em Florianópolte, é sem qualquer favor, um
escrito-rdos de maior e mais siginficativa contribuição à literatura brasileira, dentre os de
sua geração. Atuante desde algumas decadas, liderando inclusive movimentos de vanguarda
em sua terra. Salim não é, contudo, escritor de lançamentos
ávidos e continuos. Perco, profundo, meditado, sua literatura
não tem meda, para alguns poderá merecer até a apostasia de
"ultrapassada", mas seus contos calam fundo, vão até muito
dentro do espirito do leitor, prova inconfundivel do grande escritor. Já tive a oportunidade
de comentar "O Primeiro Gosto", lancado em 1973, e agora
recencentro-me com ele nesta
bela edição proparada por Hélio Pólvora e sua equipe, para
"A Morte do Tenente e outras
Mortes" (D, que considero, des-

Onze cortos estão aí reunidos mais o erudito e sério prefácio de Fausto Cunha, homem
apto a dissecar o conto, que
ete próprio pratica, embora con
parciménia. A intenção de unidade fica evidenciada desde o
titulo do volume, através do
substantivo "morte", e depois,
tal qual ocorre nos demais livros de contos do autor, perma
necemos na mesma geografía
aquela que elegeu Biguaça nu
ma mítica cidade microcésmica, representativa de todo o
universo humano ao qual o esciilor pretende referir-se cur
seu trabalho.

Note-se que, apesar do titulo do volume, não encontramos nenhum conto com igual denominação, quebrande-se, desa forma, a praxe antiga. Não obstante, o primeiro conto, initiado "O Gramofone", é, efeutvamente, a narrativa-titulo, am bientada, num jogo da memó ria, que permite paralelismos a associações típicamente prousitanas em um reformo ao and de 1815, numa longinqua eperdida cidadecinha libanesa, de onde vem Yussef, com quem seu filho José se identifica e relembra ao som de uma composição de Sérgio Ricardo, ele próprio — descendente de libanopria.

A narrativa, organizada em dois planos, mistura-se, de maneira constante, intencionalmente, criando um clima de "suspease" que se equilibra ente 
a ficção fantástica e o conte 
absurdo, muito embora, através das articulações dos planos 
narrativos, em nenhum momento nos afastemos da realidade 
em si, permitindo-se o narrados apenas introduzir-nos na recalcitrante imaginação do 10

vem cula tarefa noturna é la livizinha aldeia em busca do médico que, se espera, salvará da morte ao tenente mori-

Jà neste conto, contudo, en contramos algumas características generalizáveis a todas as

TA musica prosegue, nie persegue, não sei mais se ela vem
do sofisticado aparciho que
mal diviso da minha meio-ce
queira ou se a recupero de um
mundo extinto" (p. 19). E loga
adiante, no mesmo conto, o sue
gimento do verbo que tornará
a grande maioria destes narrativas dotadas de uma ambiguidade e, decorrentemente, de uma
característica de abertura (conforme Umberto Eco) que permite a construção da estrutura de
enredo também por parte do leitor: "Mas me parece que não
caminho, ando-não-ando num
torna-viagem incompreensível, a
estrada ora se alonga ora en
curta" (p. 23).

Os dots elementos importantes aqui introduzidos, aasim, são, de um lado, esta ambigüidade, que aliás, vai se expressar de muitas outras formas e em diferentes níveis nos demais contos, e de outro, esta relatividade de quem não está abaolutamente seguro do que fala, porque muito do que conta prende-se à memória, e esta com sempre poderá estila fol

O conto, contudo, propies ajnda o "desafio" da recuperação deste mundo extinto. não importa como, recuperação esta que se dá de maneira incerta, bastante casual, fruto de recordações esparasas, "como quent arma um quebra-cabeça. Fica eessencial" (p. 21), ou seja, a "imagem" das coisas porque "si imagem" das coisas porque "si imagem do que ele representava não sumiria com a desapa rição física do tenente. Permaneceria sempre mais ativa até. Logo outro, e outro desabairam sobre nós" (p. 22).

O conto seguinte. "Um bom negócio", cemo bem observou - regoto", cemo bem observou - resusto Cunha, propõe uma lei tura um pouco irônica, poi tradou, em sua afirmativa exa tamente o contrário ou seja, a trastração de que se vé vijtas Zé-Gringo, quando tenta ven der a grande quantidade de em sua despensa. Fausto observa ainda que o conto, em sua densidade dramática, de "suspense" constantemente der rubado na ansiosa busca de venda, passa de maneira muite forte, para o leitor. o própricheiro do camarão. Ora, se lor mos um outro conto. como "A Aranha", obra-prima da litera tura brasileira em sua sugesta ura brasileira em sua sugesta de erolismo construido de ma neira que só um verdadeir mestre é capaz de aleançar, ve remos que todo o riumo do con o, a conformação de frase, i maneira pela qual se escolhes as palavras e as meláforas, vi sam à construção de uma ima gem maior, mais ampla. Pode mos assim, concluir que, de modo geral, a literatura de Sa

lim Miguel é intencionalmenti mimética: através das palavras articuladas nas fraise e as sugestões por elas criada, o escitor recris guetos cherros, co-res, movimentos, da mesma ma-neira como já o fizera, anteri-ormente, num conto sobre rinha de galos, em "O Primeiro gosto".

ainda, que surçe mais amola a figura do preto, exeseravo e contador de histórias, l'Adão, que conforme contou-nos o escritor em recente entrevista publicada no "Correio do Fovo", existiu mesmo, em sua me nínice, e inspirou-lhe diversas das narrativas que hoje lhe podemos ler l'I'Adão "fala, todos escutam, estão de oiças atentas o que ele diz, é o orâculo das imediações, dá conselhos, d'a rezas, oferece poções e mezinhas, amuletos, conta causos de antanho, bebe, pita o seu palheiro cuspinha, romemora a escravidão época de lutas e da sofrimento pro seu povo, lembra do derradeiro amo, relat histórias de tesouros perdidos e como descobrilos" (p. 33). (2)

Em outro conto, "O Silêncio Escuro", vamos saber de sua morte: "O enterro de Ti'Adão foi concorrido, o preto velho e ra estimado e conhecido, devia ter bem mais de cem anos, veio gente de longe, queiram tocar nele pela última vez, custou a se finar, a vida estava encruada naquele corpo" (p. 62).,

Este conto, de certa maneira, remete o leitor ao primeiro da série, pois relembra ainda o episódio de Kfarssouron, e ao mesmo tempo prepara a retomada da figura de Ti'Adão no conte a reconstante do ser la ,o escritor tece vagarosamente uma determinada teia, não
extamente à maneira de Autran Dourado, especialmente em
"O Risco do Bordado", porque
ali encontramos uma narrativa
central, coisa que aqui não o
corre, mas à maneira de criar,
aqui e ali, pontos de referência
cujos intervalos deve o leitor
obrigatoriamente preencher. £,
como se viu antes, um quebracabeça, e no conto "Galo, ga
to, atog", parentemente reunido ao conunto dos demais tra
balhos como algo extrúculo
podemos identificar uma espécie de "poética" do escritor, da
qual satientamos estes itens que
nos interessaram especialmen
te, por construirem unidade
com as observações que estamos fazendos

— Chama-nos ini-ialmente a atenção para o jogo e associação de palavras. Por exemplo, "mail e mei. Uma letra, duas palavras, tão distantes e tão próximas, pegajosas ambas" (n. 108). Note-se que o mai pode ser visto como espécie de mei que atiça os sentidos e provoca futuros renultados dolorosos insuspetiados no momento. No mesmo processo, lemos, logo após: "Ah, minha cabeça. Cabaça" (p. 109), em que é evidente a asrociação entre "caba ça", pote ou tijela que contém algo, e a cabeça, que evidentemente contém o cérebro, a memória. Se não esquecermos que cabaços fazem parte de rituais, teremos ai uma associa ção importante, pois o exercicio da memória não deixa de ser um ritual.

- Outro elemento é quanto a maneira pela qual o escritor vé a arle: "Ouçam: pintura não é fotografia, não é cópia não senhor. Se hoje até a fotografia já foge do rea e interpreta. Pintura é recric-são, é invenção, é interpretação a reinterpretação de acordo com a sensibilidade e personalidada do artista, suas paixões e idirsidirasias, é deformação, é: enmo ele vê. COMO ELE VE. E. SENTE, entendem". (ps. 113-111), e logo acrescenta.

O Círculo

"Dele: o roubo. Quero, artes, enquadrar e apristotar aqui noste espaco limitado de tempo, uma visão do mundo. da um mundo, do meu mundo. Nosos mundo. Concordam? Sim. Não. Mundo de sugestões contidas e por conter. Aqui, dentro de mim: aqui, fora de mim. Aqui, no que mo transformei. Pensemos um pouco, deixemos que a mente dicação, por contra de la contra del contra de la contra del la cont

# da Memória

Antonio Hohlfeldt

so de", um contínuam que se desenvolve à vista do leitor cembora ele tenha de advinhar-lhe e completar-lhe os segredos das contrações que geram ao próprio ovo. Ao final, tal qual o ovo, chega-se a um rápido climax, o desvelamento absoluto, o final do enredo: o ovo posto, não há mais mistério, a não ser a indagação permanente: como gerou-se a este ovo?

Não é de admirar que os contos de Salim Miguel sejam essencialmente baseados em uma situação. Mehor ainda: em um personagem, a enfrentar uma determinada situação. Salim fixa sua alenção nesta figura, e em torno dela começa a tecer circulos excêntricos, que se distanciam cada vez mais do ponto de origem, atingindo por vezes distâncias incrivelmente insuspeitadas, sem nunca perder, confudo, o cordão umbilical. Por isso, seus contos realizam-se como rituais, em que todas as palavras da fór mula devem ser sorvidas, recitadas, sob pena de não se realizar a magla. Não serve, a literatura de Salim Miguel, para o leitor apressado ou para aquele que lé apenas buscando o fim. Seu conto exige leitor lento, "gourmet" exigente, quo como o autor, seia capaz de medir não só o que é dito como e sifencio, pleno de susgestões.

Simples forma externa, fór-mula que dá resultados? Não. apenas equilibrio necessário entre a forma que expressa e o conteúdo expressado. Porque se em José J. Veiga encontramos o choque entre dois universos, aqui desenvolvido e industriaaqui desenvolvido è industria-lizado, que ao invadir a área do universo rural, contesta-lhe de maneira absolut- e termina por destrui-ilo, até de maneira violenta, em Salim Miguel es-te mesmo choque ocorre, mas A visualizado de maneira dié visualizado de maneira diversa: de um lado, temos um tempo dento, sem pressa, puro. tempo dento, sem pressa, puro, que ocorre no passado. Ele exis-te no tempo da infância, nas pequenas aldeias, nas cidadezi-nhas do Interior. Depois, crescemos, ou estas aldeias e cidadezinhas ampliam-se, os meios de comunicação de massa invadem-nas Não é necessariamen-te um mal, contudo, tal situanão, desde que tenhamos al-guém capaz de relembrar, de rearmar a antiga realidade, rerearmar a antiga realidade, re-criando-a de maneira viva aos olhos dos novos. Veja-se, por exemplo, o conto "As "Queri-das Velhinhas". Ai temos duas velhinhas. Lão absolutamente semelhantes que jamais se sabe quem é exatamente uma e a outra. O texto constrói-se com dúvidas, interrogações, buscan-do recompor o real: "Balouça-vam a cabeça, remoiam, fora yam a caseça, remoran, tora ele lento ou rápido? — o que para ambas, afinal, já agora era indeferente? (p. 74), ou então: "Eram estranhas, perdidas lá no mundo delas, ou não, achadas nele, achadas, eu sei, sim, quem sabe estou construindo em cima das coitadas e do que las foram uma imagem antiga

e falsa, artificial e imutável" (p. 74-5) e enfim: "Yamos, era uma, como Deus é servido, a outra, mas podía se mudar a ordem, e gestos, voz, entonação, tudo vinha igual. (...) Eu sentia que elas queriam que eu saísse, fosse embora, não poluísse aquele ambiente, não o conspurcasse como diria o senhor professor meu pai, eu queri a resistir. Não dava". (p. 76)

É verdade que o passado se torna irrecuperável, mas não é menos verdade que em cima, ou a partir dele, constrói-se uma outra realidade. Mais do que isso, o easarão em que habitam as velhinhas e o mistério que cerca suas vidas é exatamente aquele mesmo espaço fechado, única barreira a defender a autenticidade deste universo, contra os chavões da sociedade de consumo. Nota-se isso de maneira clara também em "Outubro 1930", em que se verifica uma nitida fuga da situação real por parte dos personagens: "E a revolução, o que é? Ninguém sabia. Ninguém parecta saber. Ninguém queria saber. Nem os mais velhos. Os adultos procuravam não falar nela, como se não falando passasse a não existir" (p. 130).

E colorimos a perspectiva da autenticidade do tempo passado

com nova gama de cor: o escritor não admite uma situação estática, e lembra-nos que no passado também havia falsidade, alienação, falta de coragem. A metáfora da fuga à revolução (revolução é o que revoluciona, muda, modifica, dá cores novas a) — coloca-a como a verdade mais terrível para o individuo reacionário, que a teme como algo mortal. Junto com a revolução, embora nada tenha a v com ela, surge mais uma vez a morte (p. 131), a lembrança de antigos feitos rememorados (ou inventados) nas antigas narra-tivas de terras e feitos longinquos. E segue-se então exemplo tipico da criação literária em Salim Miguel, com a livre-asso-ciação de idéias, semelhante à técnica do "brain storm" publi-citário, que ele desencadeia numa tentativa de abrir, em leque, a múltipla realidade que enfoca (ps. 134-5), até o final do conte quando se reconhece a vitória da revolução e o final dos sonhos: "Há um hiato. De repente, a casa vazia. O silêncio, A revolu-ção vencera" (p. 138)

O estudo poderia se alongar, "O Presente do diabo" é um conto pertencente ao mundo rural, com suas crendices, assim como "A Aranha" — o melhor do volume, sem dúvida — o é em relação ao mundo dos tabus e mterdições. "O Silêncio Escuro" enfoca as frustrações de uma sociedade fechada e castradora, e "Gina-boa" fala da falsidade e dos mexericos. "Reunião" é o conto das valdades, em que Salim Miguel exercitase na recriação da oralidade ar tificiosa dos personatens, até a ironia final, E chegamos ao con-

cerra o volume, e que nos apresenta a decadência deste mundo fechado, isolado em si mesmo, temeroso do que exista lá fora, e que impossibilitado de auto-renovarse, limita-se a suas próprias repetições, exorcismos sem nenhum efeito, embora sua poeticidado literária seja indiscutivel. Em "Amanhā" temos a permanente transferência para um amanhā não delimitado, dos planos de ahandono da cidadezinha por parte de três jovens, insatisfeitos com a presente situação, "aquele não-viver sem perspectivas", embora reconhecendo sua impotência em libertarem-se da "cidade, frágil e insignificante, (que) os rodeia com braços de aço" (p. 146). O máximo que podem fazer é projetar o sonho frustrado num futuro opaco: "Mas amanhā vai ser diferente. Amanhā vamos largar tudo. Amanhā vamos nos mandar para sempre, para longo, bem longe. Amanhā" (p. 1477). (2).

Nem a cidade mítica de Biguaçu é capaz de recuperar-se,
ilhada que se encontra num universo diverso, nem seus personazens terão capacidade de ausentar-se, pois aínda que físicamente distantes, permaneceriam
para sempre alí atados, exercícios constantes de memória, tal
e qual o escritor, ao criar seus
contos. Em verdade. Salim Miguel, é um dos mais interessantes exemplos de consciência
criadora, utilizada diretamente
na maneira mesma pela qual
compõe ele sua obra. Exemplo
admirável e respeitável, que,
como disse, só o grande artista
pode dar.

- MIGUEL, Salim "A Morte do Tenente e outras mortes", Editora Antares — Instituto Nacional do Lávro. Rio de Janeiro, 1979.
- (2) Ti'Adão é um dos tantos personagens velhos de Salim Miguel, cuja rememoração e sapiência decorrem exatamente de sua idade e 
  experiência. Temos e mesmo com o meio-cego que relembra a aventura do pai, 
  em "O Gramofono", as duas 
  velhinhas, e em outros contos mais. A valorização de 
  tal sabedoria ocorre, evidentemente, apenas no 
  mundo rural.
- G) Evidencia-se assim, a função de exorcismo que a palavra desempenha para Salim Miguel e seus personagens, seja recuperando o irrecuperável, seja substituindo a "práxis".

#### 040: Escritor catarinense empolgado pelo turismo

ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. A Cidade. S. Francisco do Sul, 12 maio 1956, ano 3.

# Escritor Catarinense empolgado

SALIM MIGUEL: Novelista e Livreiro objetiva uma campanha de Progresso

Salim Miguel é um jovem responsàvel pela renovação de valores vanguardeiros na literatura e nas artes catarinenses. Ilhéu é tão timido quanto bom manejador de pena. Jornalista àgil e melhor contista, sua cabega grava muito bem cenas ao seu derredor, transpostas, cheias de vida de calor humano e dentro da melhor técnica, para livros que rra firmam o conceito que fazemos do jevèm novelista que reuniu em torno de si um grupo de elementos cujos nomes já se proje tarem alem frontairas.

Salim Miguel fundou e é um

Salim Miguel fundou e

Salim Miguel fundou e dos diretores da revista que desde 1948 se edita rianópolis, sendo muito conhecida e apreciada no Brasil, e fora de seus limites, pois, sua mensagem alcança a Argentina, Uru-guai, Espanha, África Porguai. Espanha, Africa Por-tuguesa, Portugal, etc Publicou de sua autoria » Velhico e outros con-tos» (1951), «Alguma Cen-te», (1953) e o romano «Rede», saido do prelo no ano passado.

Sua livraria è uma das meihores da capital, e em meio a seus inumeros afa zeres, Salim Miguei ainda zeres, Salim Miguei alnda encontra tempo de preparar um volume onde reunirá seus apontamentos de critica. Ji, um volume de contos e uma novela, colaborando, tambem em jor nais e revistas do Estado do país e de Portugal publicando especialmente artigos sobre autores e liartigos sobre autores e livros, e em seu ról de ati vidades se inclui a cor-respondencia de Santa Catarina para a «HORA» de Porto Alegre

Pode-se dizer mesmo que a lançamento da revista «SUL» revolucionou a pacatez do ambiente literário da capital, pelo cunho de movimento modernista de que se revestia, muito embora, o mesmo já fivesse sido em muitos pontos ultrapassado a «autropofagia» da revolução literária havida há vinte anos em São Paulo.

O grupo editor de «SUL» ajudou ainda, a organizar o Museu
da Arte Moderna, de Florianopolis o Teatro Esperimental, Clube
de Cinema, e as edições de caderno «SUL», tendo trabalhado comatantemente «pela divulgação lá
fora de coisa nossa», na expressão de Salum Miguel. O grupo editor de «SUL» ajuUMA OPINIÃO VALIOSA

Fomos procurar o novelista em ràpidas linhas acima biografado para que se referisse sobre o pla-nejamento turistico da Transportes Aéreos Catarinense, visando di-vulgar Florianòpolis, fazèla co-nhecida, e visitada. Salim Miguel não se tez de rogado. Deixemo-lo falar. o falar:

Já se tornou acaciano dizer se que as possibilidades ide Floria nopolla são no terreno do turismo, no aproveitamento das bele zas naturais da tha, e tambem nas suas possibilidades como futura cidade universitária. Não acasulado industrias, seu comérpossuindo industrias, seu

cio sendo minimo, não tando ou-tras fontes de randa — è espe-cialmente no turismo que se de-ve buscar tais fontes. Floriano-polis é, atualmente o que se con-vencionou schamar uma «cidade de funcionalismo público».

de funcionalismo público».

Não é de hoje que se fala, que se clama pelo turismo em Floria.

nópolls. Hà muitos enos que em tal se pensa. Mas nunca se passava da palavra a ação. Todos achavam imprescindivel, mais do que necessário. As discussões a este respeito eram infindáveis.

Partir do terreno das discussões prâticas e que eram elas.

Foi principalmente com o plano de turismo da TAC (Transportes Aéreos Calarinense) que alguma coisa começou a ser feita. Com

meçou a ser feira. Com uma bem organizada e constante campanha de divuigação, chamando a atenção para los pon-tos mais pitorescos da ilha, facilitando avinda de personalidades de fora e aproveitando o methor possive as que aqui vinham parar por cutro motivo qualquer, a TAC, vem realizando um trabalho pionetristico do melhor Iho pionetristico do melhor quilate e que deve ser imitado por outros. Tendo a frente de seus trabalhos pessoas como Luiz Fiuza Lima, na direção e Imar Carvalho no Departamento de Relações Públicas vem batalhando de modo vem batalhando de modo constante e coerente para transformar, em futuro proximo o turismo numa fonte de renda, numa atração. Não é so a Lagoa com o futuro Hotel Dunas, não è so o Cluba do Penhasco, não è so o



O dr. Osmar Cunha, prefeito municipal, em companhia de seu colega de Joaçaba, dr. Ruy Homrique, e sr. Luiz Fiuza Lima, diretor-superintendente da Transportes Aéreos Catarinense, instrui seu calceteiro para principiar o colçamento da via de ascesso ao Clube do Penhasco, dentro do prazo de 60 dias.

#### Relações Públicas em Santa Catarina

A importable revista tècnica PN (Publicidade & Negocios), publicada quinzenalmente no Rio de Janeiro, e de grande projeção nas classes conservadoras do país e, especialmente, nos circulos publicitários, divulgou recentemente a nota que passamos a transcrever em sua secção de Relações Publicas, dirigida por Ney Pei xoto do Vale, circíe desse departamento na Esso Standard do Bra sil Inc.:

xoto do Vale, circle desse departamento na Esso Sianuaro do Dia sil Inc.:

«A TAC Transportes Aèreos Catarinenses, com séde em Flo rianopolis, iniciou no mês de dezembro atividades de Relações Públicas, tendo organizado um Departamento para esse fim, que foi entregue a supervisão do jornalista Ilmar Carvalho.

Em carta dirigida a PN, o sr. Luiz Fiuza Lima, diretor superintendente da TAC, comunicou êsse auspicioso acontecimento que dá aquela empreza aérea o pioneirismo em R. P. no Estado de Santa Catarina.

da aquia empreza acrea o pioneirismo em R. P. no Estado de Sania Catarina.

Sonios gratos pelos recortes enviados, os quais comprovam o excelente trabalho de divulgação turistica feito pela TAC. Na medida do possível, esta secção enviará a ao sr Fluza Lima a es cassa literatura existente no Brasil sóbre Relações Públicas, conforme seu pedido.

constante plano de divulgação onstante plano de divulgação penetração do Departamento de urismo da TAC. São todas as utras mil pequenisas coisas que azem com que um plano seja

#### NÃO É O BASTANTE

Mas isto não è o bastante. Exis tem outras, o que é preciso realizar urgentemente, como por exemplo, estradas. Não se pode compreender que se pense em rurismo sem estradas. Embora meihores as nossas estradas para os pontos pitorescos da ilha so pontos para aviões» Vamos como diria Rubem Braga estradas para aviões» Vamos como a atuais detentores dos po quaise como diria Rubein Braga, estradas para avides Vamos ver se os atuais defentores dos poderes publicos, dedicam um petro de suas alenções para a coiss. Os resultados, temos certeza,

#### CARIMBOS

de todas as especies, rotativos etc Encomendem na

Impressora São Francisco

serão os melhores possiveis. Pe lo que já se tem conseguido no pouco tempo de atividade, não há — se é que havia mais dúvidas a respeito. Depende agora, sómente, de trabalho e confinuida-de.

¡Serviço de Imprensa do Departamento de Rejações Públicas da Transportes Air reos Catarinense - TAC.)

#### 041: O que vamos ler

O QUE vamos ler. Correio da manhã. [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960, 1º caderno, pag. 9.



#### 042: Catarinenses no festival

PEREZ, Renard. Catarinenses no festival. Ultima hora. Rio de Janeiro, 15 jul. 1961, pag. 10.



#### 043: Zum-Zum: constitui-se em grande sucesso o seu lançamento

ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seus lançamento. **O Estado.** Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3.



#### 044: Salim Miguel: natalício

SALIM Miguel: natalício. O Estado. Florianópolis, 30 jan. 1964, pag. 2.



#### 045: Notas Sociais

NOTAS Sociais. A Gazeta. Florianópolis, 31 jan. 1964.



Amanhã, no Praia Clube, ande festival de Verão, prooção do cronista Lázaro artolomeu.

Domingo, festa pré-carnavasca, com entrega da faixa à ainha do Atlântico Sul, na de social do Clube "Doze de rôsto".

Comentada a decoração do rnaval do Lira Tênis Clu , denominada "Reinado de omo".

Carmen Rosa Caldas, sobena do Clube "Doze de Agôs", em preparativos para o rnaval da nova sede, com bloco de gente do "socie-

Prepara se o Bar e Restaunte do Lux Hotel, para recernos dias de Carnaval, tutas e gente de sociedade parodadas de uísque.

A diretoria do Clube Sorop nista agradeço à gentileza oficio em agradecimento a ta Coluna.

Agência de Publicidade Pro gue Ltda., de Rosendo Lima Antunes Severo, em preparaos com seus serviços para ríduo de Momo em nossa lade.

Amanhā, no Ginásio "Char Edgard Moritz", Grito de rnaval dos comerciários.

Em nossa cidade, jovens da iedade joinvillense, para puta de partida de basque ol com o Clube "Doze de osto".

Angelita Martinez, famosa lete do teatro nacional, é a nova Rainha do Carnaval do Hotel Gloria, no grande baile dos artistas.

Comenta-se a vinda no próximo mês, a nossa cidade, da primeira dama d. Maria Teresa Goulart, considerada pela imprensa mundial, como a mais bela primeira dama.

Dia 10, o grande Baile Municipal, êste ano na sede social do Clube "Doze de Agôsto", à rua João Pinto, com prêmios das luxuosas fantasias e escolha da Rainha do Carnaval.

Têrça-feira, baile juvenil de 12 anos a 17 anos, na sede social do Clube "Doze de Agôsto", a rua João Pinto.

Têrça-feira, aconteceu mo vimentado o "American Bar", do Querência Palace Hotel, com muita gente do "society".

Domingo de Carnaval, tarde infantil carnavalesca no Lira Tênis, com prêmios das mais belas fantasias da petirada.

Elzinha Bonassis, no Carnaval apresentar-se-á com rica baiana estilizada, confecção de sra. Jurema Gonzaga.

CHAPEUS DE RAFIA EM "OSCAR MAGAZINE".

BERMUDAS PINTADAS PARA SENHORITAS EM "LORD MAGAZIN".

..MOUCASSIN PARA CAVA LHEIROS EM CORES EM "DEM'S CALÇADOS".

PENSAMENTO DO DIA: Alcançar um ideal é superá-

Notas Sociais



A efeméride de ontem, registrou a passagem do aniversário natalicio do nosso prezado e estimado colega de imprensa, jornalista Salim Miguel, do Gabinete de Relações Públicas do Palácio do Govêrno, e pessoa muito relacionada em nossos meios sociais, culturais e jornalisticos.

O decurso de seu aniversário ontem, proporcionou-lhe avaliar o quanto é estimado e benquisto no seio de suas relações e amizades, quando recebeu muitos cumprimentos pela passagem da grata data.

"A GAZETA" embora com atraso, associa?se às felicitações que recebeu no dia de ontem, almejando-lhe crescentes felicidades, junto de todos os que lh são caros.

> Srta. Nicia Maria Breithaupt

#### Cyro Barreto

Transcorre, hoje, o aniversário natalício do nosso prezado e distinto conterrâneo, sr. Cyro Barreto, pessoa muito benquista em nossos meios sociais.

Ao aniversariante, enviamos nossos cumprimentos, com votos de crescentes e ininterruptas felicidades.

#### João Lino Linhares

Passa hoje, o aniversário natalício do nosso estimado e prezado conterrânco, sr. João Lino Linhares, a quem desejamos crescentes felicidades.

#### Carlos Passoni Júnior

A efeméride de hoje, registra o aniversário natalício do nosso estimado e prezado conterrâneo, sr. Carlos Passoni Júnior, pess a largament, estimada em nossos meios sociais e a quem auguramos ininterruptas felicidades.

#### Demerval Vieira

Deflui hoje, o aniversário natalicio do nosso estimado conterráneo, sr. Demerval. Vieira, a quem cumprimentamos augurando felicidades.

#### Srta. Arlete Tavares

Transcorreu, anteontem, o aniversário natalício da gentil senhorinha Arlete Tavares, dileta filha do nosso prezado conterrâneo, sr. Mário Tavares, Inspetor de Terras em Chapecó, e de sua exma. sra. d. Leocádia Tavares.

No decorrer de tão grata efeméride, auguramos à aniversariante, ininterruptas felicidades, extensivas à exma. família.

#### CASAMENTO

Enlace Varella — Morandi Realizou-se dia 29 último, na

#### 046: Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense

JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. **Jornal de SC.** Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11).



#### 047: Guidi fala a jornalistas sobre as obras de sua administração

GUIDI, Altair. Guidi fala a jornalistas sobre as obras de sua administração. **Correio do Sudeste.** (s.l.), 23 ago. 1979.



## **Índice de Autores**

Autor	Referências	Núm ero
	CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9	<u>026</u>
CALDAS FILHO, Raul	CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguem: Maktub. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9. Entrevista	<u>027</u>
	CONDE, José. Fazem & dizem. <b>Correio da Manhã.</b> Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, pag. 2. Coluna escritores e livros.	007
CONDÉ, José	CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar". <b>Correio da Manhã.</b> Rio de janeiro, Nov. 1959, pag. 2. CONDÉ, José. 6 Noticias catarinenses. <b>Correio da Manhã.</b> Rio de	008
	Janeiro. 06 ago. 1959.  FRIAS, Lena. Um ano de Ficção: O escritor brasileiro lançado,	009
FRIAS, Lena	relançado, revelado, descoberto. (s.l.)  GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim: um ficcionista que busca as	030
GORGA FILHO, Remy	dimensões da palavra. <b>Correio do Povo.</b> Porto Alegre. 21 jun. 1969. Caderno de Sábado. pag.7	<u>001</u>
GUIDI, Altair	GUIDI, Altair. Guide fala a jornalistas sobre as obras de sua administração. <b>Correio do Sudeste.</b> (s.l.), 23 ago. 1979	<u>047</u>
HOHFELDT, Antonio	HOHFELDT, Antonio. O circulo da memória. <b>Correio do Povo.</b> (s.l.), 15 dez. 1979, p.15.	039
	JUNKES, Lauro.Salim Miguel -1. <b>[Jornal].</b> Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura - 7	<u>031</u>
JUNKES, Lauro	JUNKES, Lauro. Salim Miguel: " A morte do tenente e outras mortes". <b>JSC.</b> Florianópolis, 20 e 21 maio 1979, pag. 22.	038
33 <u>2</u> 0, <u>2</u> 00	JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. <b>JSC.</b> Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11)	046
MARTINS, Wilson	MARTINS, Wilson. Literaturas Estaduais. <b>Jornal do Brasil.</b> Rio de janeiro, 10 nov. 1979, pag. 11, caderno B	036
PEREZ, Renard	PEREZ, Renard. Catarinenses no festival. <b>Ultima hora.</b> Rio de Janeiro, 15 jul. 1961, pag. 10.	042
,	POLVORA, Helio. A culpa dos Jovens. [Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 07 jun.1964]. Coluna Conversa de Domingo.	005
POLVORA, Helio	POLVORA, Helio. A culpa dos jovens. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 23 jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.	<u>006</u>
PRADE, Péricles	PRADE, Péricles. Pericles Prade apresenta Salim Miguel. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 07 ago.1963.	<u>004</u>
SILVEIRA, Luiz Henrique da	SILVEIRA, Luiz Henrique da. A resposta do Salim. <b>O Município.</b> Brusque, 28 out. 1966. pag. 2	003
	SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel. <b>Revista Veladas.</b> Buenos Aires. mar. 1957, pag. 81	<u>010</u>
SIMÕES JUNIOR, Antonio	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 07 abr. 1957.	<u>011</u>
STODIECK, Beto	STODIECK, Beto. Na trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.	<u>025</u>
	DEPOIMENTO de Salim Miguel ao suplemento "D". <b>A Gazeta.</b> Florianópolis, 02 nov. 1969. Pag.3	002

LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER CIVIL. <b>Diario de Pernambuco.</b>	
Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3 SANTA CATARINA. <b>Jornal de Letras.</b> Rio de Janeiro, Fev./Mar.	012
1956, n. 80.	<u>013</u>
A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. <b>Jornal Popular.</b> Rio de Janeiro, 24 nov. 1958	<u>014</u>
ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. <b>Diário</b>	
Catarinense. Florianópolis, 21 mar. 1956	<u>015</u>
REVISTAS e jornais. <b>Tapejana.</b> Ponta Grossa, dez. 1956	<u>016</u>
SUL. <b>Estúdios.</b> Buenos Aires, Nov.1956	017
LITERATURA nos estados: Santa Catarina. <b>Jornal de Letras.</b> Rio de Janeiro, maio 1956. Coluna literatura nos estados.	018
UM nome e sete perguntas: Salim Miguel. <b>Diário da Tarde.</b> Florianópolis, ago.1953	<u>019</u>
JORNALISTA Salim Miguel. [Correia Pinto], 05 jan. 1952	<u>020</u>
Salim Miguel. <b>Correio Lageano.</b> Lages, 19 jan. 1952.	<u>021</u>
AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. <b>Voz da Unidade.</b> (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso	
brasileiro dos escritores, n. 247	<u>022</u>
ALMOÇANDO na manchete. <b>Folha de Londrina.</b> Londrina, 29 nov. 1973.	023
SALIM, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 12 dez. 1973	024
OS MELHORES contos brasileiros de 1973. <b>DJ.</b> Porto Alegre, 29 out. 1974	<u>028</u>
SALIM Miguel. <b>Correio do Povo.</b> Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista	<u>029</u>
JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. <b>A Gazeta</b> [Florianópolis], 08 jun. 1979.	. <u>032</u>
SALIM Miguel. <b>Jornal da Semana.</b> (s.l.), 10 jun. 1979. Personagen	n <u>033</u>
INFORMAÇÃO geral. O Estado. Florianópolis, 13 jun.1979.	034
SALIM e a nossa Biguaçú. <b>Jornal de santa Catarina.</b> Florianópolis, 14 jun. 1979, pag. 13	035
MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". <b>Correio do Povo.</b> Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag 49	037
ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelista e livreiro objetiva uma campanha de progresso. <b>A Cidade</b> S. Francisco do Sul, 12 maio 1956, ano 3.	<u>040</u>
O QUE vamos ler. <b>Correio da manhã.</b> [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960 1° caderno, pag. 9.	), <u>041</u>
ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seus lançamento. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3	<u>043</u>
SALIM Miguel: natalício. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 30 jan. 1964, pag 2	044
NOTAS Sociais. <b>A Gazeta.</b> Florianópolis, 31 jan. 1964.	045

### **Índice de Jornais**

7	Beforência a	Núme
Jornal	Referências  ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelista e	ro
	livreiro objetiva uma campanha de progresso. <b>A Cidade.</b> S. Francisco do	
A Cidade	Sul, 12 maio 1956, ano 3.	<u>040</u>
A Gazeta	DEPOIMENTO de Salim Miguel ao suplemento "D". A Gazeta.	
	Florianópolis, 02 nov. 1969. Pag.3	002
	JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. <b>A Gazeta.</b>	000
	[Florianópolis], 08 jun. 1979.	032
	NOTAS Sociais. <b>A Gazeta.</b> Florianópolis, 31 jan. 1964.	<u>045</u>
	CONDE, José. Fazem & dizem. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 fev.	
Correio da	1960, pag. 2. Coluna escritores e livros.	007
Manhã		
	CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar".	
	Correio da Manhã. Rio de janeiro, Nov. 1959, pag. 2.	<u>800</u>
	CONDÉ, José. 6 Noticias catarinenses. <b>Correio da Manhã.</b> Rio de Janeiro.	
	06 ago. 1959.	009
	O QUE vamos ler. <b>Correio da manhã.</b> [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960, 1°	041
	caderno, pag. 9.	<u>041</u>
Correio do Povo	GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim: um ficcionista que busca as	
	dimensões da palavra. <b>Correio do Povo.</b> Porto Alegre. 21 jun. 1969.	
	Caderno de Sábado. pag.7	001
	SALIM Miguel. <b>Correio do Povo.</b> Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista	<u>029</u>
	MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". Correio do Povo.	
	Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag 49	<u>037</u>
	HOHFELDT, Antonio. O circulo da memória. <b>Correio do Povo.</b> (s.l.), 15	
	dez. 1979, p.15.	<u>039</u>
Correio do	CUIDI. Altair Cuide fala a iarnalistas sobre as obres de sua	
Sudeste	GUIDI, Altair. Guide fala a jornalistas sobre as obras de sua administração. <b>Correio do Sudeste.</b> (s.l.), 23 ago. 1979	047
Correio	administração. Correio do Sadester (S.I.), 23 ago. 1777	<u>047</u>
Lageano	Salim Miguel. Correio Lageano. Lages, 19 jan. 1952.	021
Diário		
Catarinense	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : novelista	
	e livreiro objetiva uma campanha de progresso. Diário Catarinense.	
	Florianópolis, 21 mar. 1956	<u>015</u>
-1/1	UM nome e sete perguntas: Salim Miguel. <b>Diário da Tarde.</b> Florianópolis,	
Diário da Tarde	ago.1953	<u>019</u>
Diświa da	LITEDATUDA III. NEDELI DAMOC É LIMA CADANTIA DA CONTINUUS ADE DO	
Diário de Pernambuco	LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER CIVIL. <b>Diário de Pernambuco.</b> Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3	012
remainbaco	PODER CIVIE. Diario de Pernambuco: Pernambuco, 04 jan. 1930, pag. 3	012
DJ	OS MELHORES contos brasileiros de 1973. <b>DJ.</b> Porto Alegre, 29 out. 1974	<u>028</u>
Estúdios	SUL. <b>Estúdios.</b> Buenos Aires, Nov.1956	<u>017</u>
Folha de		
Londrina	ALMOÇANDO na manchete. <b>Folha de Londrina.</b> Londrina, 29 nov. 1973.	<u>023</u>
Jornal da		
Semana	SALIM Miguel. <b>Jornal da Semana.</b> (s.l.), 10 jun. 1979. Personagem	<u>033</u>
Jornal de Letras	SANTA CATARINA. <b>Jornal de Letras.</b> Rio de Janeiro, Fev./Mar. 1956, n.	010
	80.	<u>013</u>
	LITERATURA nos estados: Santa Catarina. <b>Jornal de Letras.</b> Rio de	
	Janeiro, maio 1956. Coluna literatura nos estados.	<u>018</u>

	Ţ	
Jornal de Bracil	POLVORA, Helio. A culpa dos Jovens. [Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 07 jun.1964]. Coluna Conversa de Domingo.	<u>005</u>
Jornal do Brasil		
	MARTINS, Wilson. Literaturas Estaduais. <b>Jornal do Brasil.</b> Rio de janeiro,	001
	10 nov. 1979, pag. 11, caderno B	<u>036</u>
Janual Danidan	A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. <b>Jornal Popular.</b>	014
Jornal Popular	Rio de Janeiro, 24 nov. 1958	<u>014</u>
	SALIM e a nossa Biguaçú. <b>Jornal de santa Catarina.</b> Florianópolis, 14	025
	jun. 1979, pag. 13	<u>035</u>
	JUNKES, Lauro. Salim Miguel: " A morte do tenente e outras mortes". <b>JSC.</b> Florianópolis, 20 e 21 maio 1979, pag. 22.	<u>038</u>
	JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. <b>JSC.</b> Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11)	<u>046</u>
	POLVORA, Helio. A culpa dos jovens. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 23	007
	jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.	<u>006</u>
	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima obra de Salim Miguel. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 07 abr. 1957.	<u>011</u>
	SALIM, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada. O	
	<b>Estado.</b> Florianópolis, 12 dez. 1973	<u>024</u>
	STODIECK, Beto. Na trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes.	
	O Estado. Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.	<u>025</u>
JSC	CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9	026
130	CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguem: Maktub. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 09	<u> </u>
	nov. 1973, pag. 9. Entrevista	027
	INFORMAÇÃO geral. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 13 jun.1979.	<u>034</u>
	ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seus lançamento. <b>O Estado.</b>	
	Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3	<u>043</u>
	SALIM Miguel: natalício. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 30 jan. 1964, pag 2	044
	SILVEIRA, Luiz Henrique da. A resposta do Salim. <b>O Município.</b> Brusque,	0.55
O Município	28 out. 1966. pag. 2	<u>003</u>
	CIMÕEC HINIOD Antonio El continuo de la continuo de	
Povieta Velada	SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la ultima obra de Salim	010
Revista Veladas	Miguel. <b>Revista Veladas.</b> Buenos Aires. mar. 1957, pag. 81	<u>010</u>
Tapejana	DEVISTAS a jornais Tangiana Ponta Crossa doz 1054	014
rapejana	REVISTAS e jornais. <b>Tapejana.</b> Ponta Grossa, dez. 1956 PEREZ, Renard. Catarinenses no festival. <b>Ultima hora.</b> Rio de Janeiro, 15	<u>016</u>
Ultima hora	jul. 1961, pag. 10.	042
	Jan. 1701, pag. 10.	<u> </u>
	AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. Voz da	
	<b>Unidade.</b> (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso brasileiro	
Voz da Unidade	dos escritores, n. 247	022
	JORNALISTA Salim Miguel. [Correia Pinto], 05 jan. 1952	020
Não	FRIAS, Lena. Um ano de Ficção: O escritor brasileiro lançado, relançado,	020
identificado	revelado, descoberto. (s.l.)	030
.aciiciicado		
	JUNKES, Lauro.Salim Miguel -1. <b>[Jornal].</b> Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura - 7	031
	pay. o. colulla Livio & cultula - 1	<u>UJ I</u>

## Índice por ano

Α		
n o	Referências	Número
1	Referencias	Italiicio
9 5	JORNALISTA Salim Miguel. [Correia Pinto], 05 jan. 1952	<u>020</u>
2	Salim Miguel. <b>Correio Lageano.</b> Lages, 19 jan. 1952.	<u>021</u>
1		
9 5		
3	UM nome e sete perguntas: Salim Miguel. <b>Diário da Tarde.</b> Florianópolis, ago.1953	019
1	ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo. Salim Miguel: Novelista e livreiro	
9	objetiva uma campanha de progresso. <b>A Cidade.</b> S. Francisco do Sul, 12 maio 1956, ano 3.	<u>040</u>
5 6	LITERATURA. In: NEREU RAMOS É UMA GARANTIA DA CONTINUIDADE DO PODER	0.1.0
	CIVIL. <b>Diario de Pernambuco.</b> Pernambuco, 04 jan. 1956, pag. 3  ESCRITOR catarinense empolgado pelo turismo - Salim Miguel : novelista e livreiro	<u>012</u>
	objetiva uma campanha de progresso. <b>Diário Catarinense.</b> Florianópolis, 21 mar.	015
	1956 REVISTAS e jornais. <b>Tapejana.</b> Ponta Grossa, dez. 1956	<u>015</u> 016
	SANTA CATARINA. <b>Jornal de Letras.</b> Rio de Janeiro, Fev./Mar. 1956, n. 80.	013
	LITERATURA nos estados: Santa Catarina. <b>Jornal de Letras.</b> Rio de Janeiro, maio	<u>010</u>
	1956. Coluna literatura nos estados.	<u>018</u>
	SUL. <b>Estúdios.</b> Buenos Aires, Nov.1956 SIMÕES JUNIOR, Antonio. Da revista Argentina veladas: el realismo social de la ultima	<u>017</u>
1 9	obra de Salim Miguel. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 07 abr. 1957.	<u>011</u>
5		
7	SIMÕES JUNIOR, Antonio. El realismo social em la ultima obra de Salim Miguel.	
	Revista Veladas. Buenos Aires. mar. 1957, pag. 81	<u>010</u>
1		
9		
8	A CULTURA EM TODA PARTE: dois romancistas novos. <b>Jornal Popular.</b> Rio de Janeiro, 24 nov. 1958	014
1	CONDÉ, José. 6 Noticias catarinenses. <b>Correio da Manhã.</b> Rio de Janeiro. 06 ago.	
9	1959.	<u>009</u>
<b>5</b>		
	CONDÉ, José. Salim Miguel: "não me interessa mais publicar por publicar". <b>Correio da</b>	
	Manhã. Rio de janeiro, Nov. 1959, pag. 2.  CONDE, José. Fazem & dizem. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, pag.	<u>008</u>
1 9	2. Coluna escritores e livros.	<u>007</u>
6	ZUM-ZUM: constitui-se em grande sucesso o seus lançamento. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 12 fev. 1960, pag. 3	043
0	O QUE vamos ler. <b>Correio da manhã.</b> [Rio de Janeiro], 9 jan. 1960, 1º caderno, pag.	<u>040</u>
	9.	<u>041</u>

1 9		
6 1	PEREZ, Renard. Catarinenses no festival. <b>Ultima hora.</b> Rio de Janeiro, 15 jul. 1961, pag. 10.	<u>042</u>
1		
9 6 3	PRADE, Péricles. Pericles Prade apresenta Salim Miguel. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 07 ago.1963.	<u>004</u>
1	POLVORA, Helio. A culpa dos Jovens. [Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 07 jun.1964]. Coluna Conversa de Domingo.	005
9	POLVORA, Helio. A culpa dos jovens. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 23 jun.1964. Transcrição do Jornal do Brasil. 07 jun. 1964.	<u>006</u>
4	SALIM Miguel: natalício. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 30 jan. 1964, pag 2	044
	NOTAS Sociais. <b>A Gazeta.</b> Florianópolis, 31 jan. 1964.	<u>045</u>
1 9 6 6	SILVEIRA, Luiz Henrique da. A resposta do Salim. <b>O Município.</b> Brusque, 28 out. 1966. pag. 2	<u>003</u>
1 9	DEPOIMENTO de Salim Miguel ao suplemento "D". <b>A Gazeta.</b> Florianópolis, 02 nov. 1969. Pag.3	002
6	GORGA FILHO, Remy. Miguel Salim: um ficcionista que busca as dimensões da palavra.  Correio do Povo. Porto Alegre. 21 jun. 1969. Caderno de Sábado. pag.7	<u>001</u>
	CALDAS FILHO, Raul. O primeiro gosto marca uma volta há muito requerida. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9	<u>026</u>
1	CALDAS FILHO, Raul. Salim Miguem: Maktub. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 09 nov. 1973, pag. 9. Entrevista	027
9	SALIM, depois da noite de autógrafos: nem quibe nem feijoada. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 12 dez. 1973	024
3	STODIECK, Beto. Na trompowsky, um churrasco para dois aniversariantes. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 14 nov. 1973, pag. 10.	<u>025</u>
	ALMOÇANDO na manchete. <b>Folha de Londrina.</b> Londrina, 29 nov. 1973.	<u>023</u>
1 9 7 4	OS MELHORES contos brasileiros de 1973. <b>DJ.</b> Porto Alegre, 29 out. 1974	<u>028</u>
1 9 7 6		
	SALIM Miguel. <b>Correio do Povo.</b> Porto Alegre, 12 jun. 1976. Entrevista	029
1 9 7 7	JUNKES, Lauro. Reinício de aulas: adote uma antologia catarinense. <b>JSC.</b> Florianópolis, 27 fev.1977, pag. 12, suplemento Literatura. Catarinenses fazem literatura (11)	<u>046</u>
	JORNALISMO e literatura (principalmente) hoje na UFSC. <b>A Gazeta.</b> [Florianópolis], 08 jun. 1979.	032
1 9	SALIM Miguel. <b>Jornal da Semana.</b> (s.l.), 10 jun. 1979. Personagem	033
7	MARTINS, Wilson. Literaturas Estaduais. <b>Jornal do Brasil.</b> Rio de janeiro, 10 nov. 1979, pag. 11, caderno B	<u>036</u>
	MIGUEL Salim: "Sinto-me quase uma peça de museu". <b>Correio do Povo.</b> Porto Alegre, 11 nov. 1979, pag 49	037
	JUNKES, Lauro.Salim Miguel -1. <b>[Jornal].</b> Florianópolis, 12 fev. 1979, pag. 6. Coluna Livro & Cultura - 7	031
	INFORMAÇÃO geral. <b>O Estado.</b> Florianópolis, 13 jun.1979.	034

	SALIM e a nossa Biguaçú. <b>Jornal de santa Catarina.</b> Florianópolis, 14 jun. 1979, pag.	
	13	<u>035</u>
	HOHFELDT, Antonio. O circulo da memória. <b>Correio do Povo.</b> (s.l.), 15 dez. 1979, p.15.	<u>039</u>
	JUNKES, Lauro. Salim Miguel: " A morte do tenente e outras mortes". <b>JSC.</b> Florianópolis, 20 e 21 maio 1979, pag. 22.	<u>038</u>
	GUIDI, Altair. Guide fala a jornalistas sobre as obras de sua administração. <b>Correio do Sudeste.</b> (s.l.), 23 ago. 1979	<u>047</u>
1 9 8 5	AS PROPOSTAS dos escritores para cultura democrática. <b>Voz da Unidade.</b> (São Paulo), 1985, Suplemento Especial: congresso brasileiro dos escritores, n. 247	022
	FRIAS, Lena. Um ano de Ficção: O escritor brasileiro lançado, relançado, revelado,	
	descoberto. (s.l.)	<u>030</u>